



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Ciências Humanas – ICH
Departamento de Serviço Social – SER

STEPHANE ISABELLE SÁ DO NASCIMENTO

***EESCREVIVÊNCIAS E PROTAGONISMO NEGRO COMO UMA NOVA
PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL***

BRASÍLIA - DF
2023

STEPHANE ISABELLE SÁ DO NASCIMENTO

ESCREVIVÊNCIAS E PROTAGONISMO NEGRO COMO UMA NOVA PERSPECTIVA DE
ATUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Serviço Social pela Universidade de Brasília, sob orientação do Profº. Cristiano Guedes de Souza.

Brasília - DF

2023

STEPHANE ISABELLE SÁ DO NASCIMENTO

*ESCREVIVÊNCIAS E PROTAGONISMO NEGRO COMO UMA NOVA PERSPECTIVA DE
ATUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL*

Banca:

Professor Dr Cristiano Guedes de Souza (Orientador)

Professora Dra Lucélia Luiz Pereira (Membro interna)

Tatiane Vieira do Nascimento - Assistente Social (Membro externa)

Brasília, 04 de Agosto de 2023.

Aos meus pais.

Pelo apoio, confiança, educação e amor.

À Geovanna e à Maria Cecília, para que vocês também acreditem no poder revolucionário da educação.

AGRADECIMENTOS

Como diz Racionais MC's "Fé em Deus que ele é justo". Então, agradeço primeiramente a Deus por me permitir chegar até aqui.

Às mulheres negras que me antecedem, vocês abriram o caminho para que possamos ocupar estes espaços.

Aos meus avós, João Pereira, mais conhecido como Seu Nena e Manoel Cecílio, o vovô Ceci. A garra, a ancestralidade e o amor de vocês foram o meu combustível nos dias difíceis.

À minha mãe, Maria do Carmo. Minha maior inspiração de vida, símbolo de força, amor, carinho, sabedoria e dedicação. É tudo por você.

Ao meu pai, Herisvelto Antônio. Pelo seu esforço, companheirismo, sua dedicação em nos proporcionar o melhor nesta vida, em especial a nossa educação.

À minha irmã, Brenda. Pelos seus conselhos, companheirismo e, em especial, me apresentar o Serviço Social e Conceição Evaristo.

À minha irmã, Geovanna. Você é o meu melhor presente nesta vida, espero ser uma boa inspiração para você.

À Yasmim, Helena e Carolina, minhas amigas/irmãs que o Serviço Social me presenteou. Sem o apoio e a irmandade de vocês, não sei se teria chegado até aqui.

Ao meu orientador Cristiano Guedes, pela sua dedicação em contribuir com este trabalho, por sua compreensão, companheirismo e por acreditar em mim.

À minha supervisora de estágio e amiga, Tatiane. Pelas nossas trocas, pelo seu apoio e por ter me sugerido o clube de leitura.

Às idosas do Grupo dos Mais Vividos - GMV do Sesc de Taguatinga Sul, que toparam fazer parte deste projeto e compartilharam seus conhecimentos e afeto comigo.

À Maria Cecília, minha afilhada. Você me inspira a continuar. Que você possa trilhar um caminho ainda melhor que o meu. Sua madrinha intercede pela sua vida. Eu acredito em você.

- Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos. Conceição Evaristo, *Becos da Memória*, 2017, p. 111.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso pretende apresentar reflexões teóricas acerca de que forma a escrevivência de Conceição Evaristo e o protagonismo negro podem exercer como um importante instrumento de atuação profissional, partindo das experiências vivenciadas no campo de estágio em Serviço Social no Clube de Leitura “Vozes Negras”, onde possibilitou-se, a partir da literatura negra, a articulação de vivências, o ampliamiento do conhecimento dos direitos sociais e das políticas públicas. Demonstrando que apesar de a temática racial e o debate das relações étnico-raciais ainda ser insuficientemente abordado e trabalhado pela categoria profissional e pelo corpo docente, o protagonismo preto e a questão racial constitui-se como um importante ponto a ser abordado e discutido para materializar a luta antirracista, para compreender as expressões da questão social que afetam o cotidiano dos usuários e das usuárias do Serviço Social nas mais diversas áreas de atuação e possibilitar uma atuação profissional verdadeiramente emancipadora.

Palavras-chave: narrativas de mulheres negras; serviço social; escrevivência; literatura.

ABSTRACT

This course conclusion work intends to present theoretical reflections about how the writing of Conceição Evaristo and black protagonism can be an important instrument of professional performance, based on the experiences lived in the field of internship in Social Work at the Reading Club “Vozes Negras”, where it was possible, from black literature, the articulation of experiences, the expansion of knowledge of social rights and public policies. Demonstrating that although racial issues and the debate on ethnic-racial relations are still insufficiently addressed and worked on by the professional category and the faculty, black protagonism and the racial issue constitute an important point to be addressed and discussed in order to materialize the anti-racist struggle, to understand the expressions of the social question that affect the daily lives of users of Social Work in the most diverse areas of activity and enable a truly emancipating professional performance.

Keywords: black women's narratives; social work; *escrevivência*; literature.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo I - Questão racial e a branquitude no Brasil	14
1.1 Raça e racismo no processo estruturante da formação da sociedade brasileira.....	14
1.2 Mito da democracia racial e ideologia do branqueamento.....	18
1.3 Diáspora africana e Estado de Maafa.....	21
Capítulo II - Serviço social e a questão racial	24
Capítulo III - <i>Escrivência</i> e protagonismo negro como um instrumento de atuação do Serviço Social	38
1.1 Arte periférica: a literatura de mulheres negras como uma nova possibilidade de intervenção profissional.....	42
Considerações Finais	50
Referências	52

INTRODUÇÃO

“Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero. Esse é o sentido final dessa luta.” (CARNEIRO, [2003?], p. 5) esta frase encerra o texto *Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero (2003?)* de Sueli Carneiro. Ela poderia facilmente estar presente no Código de Ética do/a Assistente Social (1993) como um dos princípios fundamentais a serem adotados pela categoria profissional, tendo-se em vista o seu compromisso com a construção de uma nova ordem societária sem dominação e exploração de classe, etnia e gênero, assim como no empenho da eliminação de todas as formas de preconceito.

E foi pensando nisso que o presente trabalho pretende demonstrar que apesar de ainda ser insuficientemente abordado e trabalhado pela categoria profissional e pelo corpo docente, a temática racial e o debate das relações étnico-raciais é essencial para se materializar uma formação e atuação profissional verdadeiramente emancipadora e comprometida com a luta antirracista.

A partir da vivência no projeto de intervenção em estágio obrigatório 1 e 2 em Serviço Social, o Clube de Leitura Vozes Negras, pretende-se demonstrar as possibilidades que a escrivência de Conceição Evaristo, enquanto expressão artística da literatura feminina e o protagonismo negro, podem contribuir como um instrumento de atuação do Serviço Social. Afirmar a importância que o protagonismo negro pode ter no Serviço Social, parte do pressuposto que o objeto de atuação dos/as assistentes sociais, a questão social e suas expressões, está diretamente vinculada à questão racial.

Tal reflexão se inicia ainda no início da graduação quando, por diversas vezes, a questão social era apresentada apenas como uma questão de classe, ou no máximo atribuída para o fator do gênero. Se constitui um enorme paradoxo, estudar o conjunto das desigualdades resultantes do sistema capitalista na classe trabalhadora como se este conjunto de trabalhadores não tivesse raça, *qual é a cor daqueles/as que são mais afetados/as pela questão social e suas expressões?* Automaticamente, para mim, enquanto uma mulher negra consciente da minha negritude, me parece óbvio responder que a cor daqueles/as que são mais afetados/as pela questão social e suas expressões são a população negra, tendo-se em vista o processo de formação da sociedade brasileira a partir da escravização, inicialmente dos povos originário e, posteriormente, do povo africano e seus descendentes.

Esta indagação, compartilho com demais discentes negros e negras do Serviço Social que, igualmente, vêm apontado esta lacuna no processo de formação da graduação e pós-graduação em Serviço Social e apresentando novas possibilidades, tanto no âmbito acadêmico quanto nos campos de atuação.

Pensando nessas possibilidades, optou-se a leitura das escrituras de Conceição Evaristo no campo de estágio como uma proposta de atuação que busca dar visibilidade à autoria de uma mulher negra, por meio do protagonismo negro e da arte literária. Através de suas escrituras, Conceição Evaristo consegue descrever a interligação entre as questões sociais e raciais de forma profunda. O objetivo é compreender como a literatura de mulheres negras pode contribuir para as intervenções profissionais de assistentes sociais, com foco nas relações étnico-raciais. Nesse contexto, as escrituras de Conceição Evaristo desempenham um papel fundamental no debate sobre essas relações no âmbito do Serviço Social, sendo que a inspiração para o projeto de intervenção surge diretamente de suas obras.

O presente trabalho é de caráter qualitativo, fundamentando-se na pesquisa bibliográfica de referenciais teóricos, em especial a produção de autores/as negros e negras. Além disso, utiliza-se da pesquisa participativa, que incorpora os relatórios do estágio elaborados em Estágio 1 e 2, o diário de campo e o relatório do Clube de Leitura “Vozes Negras” e os próprios escritos das participantes, obtidos por meio de questionários respondidos ao final do projeto. Cumpre ressaltar que todas as medidas éticas foram rigorosamente observadas, incluindo a preservação do anonimato e do sigilo profissional, de forma a evitar a atribuição das identidades das participantes. Nesse sentido, apenas suas idades são apresentadas, com o propósito de evidenciar a diversidade etária das envolvidas no estudo.

O projeto em questão é direcionado às mulheres idosas que fazem parte do Grupo dos Mais Vividos (GMV) da unidade operacional do Serviço Social do Comércio (SESC) em Taguatinga Sul, mas é aberto para todas as mulheres a partir dos 18 anos de idade. O projeto compreende diversas etapas, iniciando-se com uma sessão inicial de acolhimento, na qual a proposta e o funcionamento do Clube de Leitura são explicados às participantes. Subsequentemente, estão programados dois encontros mensais que englobam a leitura compartilhada de obras literárias e a realização de rodas de conversa. Após cada encontro, são enviados panfletos digitais informativos abordando as temáticas discutidas, por meio do grupo do WhatsApp dedicado ao Clube de Leitura. Os encontros foram de responsabilidade, mediação e execução da Assistente Social Tatiane e da presente discente, tendo uma duração total de sete meses com encontros quinzenais.

Este trabalho está dividido nos seguintes capítulos: Capítulo I - Questão racial e a branquitude no Brasil, em que são apresentados aspectos da análise bibliográfica de autores negros e negras sobre a questão racial e a branquitude enquanto dois processos fundamentais da formação da sociedade brasileira e que por isso é inconcebível estudar os processos da sociedade brasileira sem se centralizar a questão racial no Serviço Social.

No Capítulo II - Serviço Social e a questão racial é dedicado para a apresentação da insuficiência/escassez de produções acadêmicas relacionadas à temática racial na formação profissional de assistentes sociais no curso de Serviço Social a partir de referenciais bibliográficos de discentes do Serviço Social. E, por fim, o Capítulo III - *Escrevivência* e protagonismo negro como um instrumento de atuação do Serviço Social onde é demonstrado os resultados obtidos com o Clube de Leitura “Vozes Negras” e as potencialidades que os estudos da questão racial, a arte e a literatura se apresentam para a categoria profissional.

CAPÍTULO I - Questão racial e a branquitude no Brasil

Neste capítulo são apresentados importantes aspectos da análise bibliográfica sobre a relação entre a questão racial e a branquitude como dois processos da formação da sociedade brasileira, a partir da compreensão da noção de raça e racismo como indispensáveis no processo de formação do mercado de trabalho no Brasil como demonstrado por Mário Theodoro (2008), do mito da democracia racial e do embranquecimento ou ideologia do branqueamento como apontado por Lélia Gonzalez (2020) no constante Estado de Maafa da diáspora africana brasileira a partir das contribuições de Aza Njeri e Dandara Aziza (2020).

1.1 Raça e racismo no processo estruturante da formação da sociedade brasileira

Abolição foi só um durex na vidraça
Com bilhete sem graça dizendo que a vida
continua
E meritocracia é só uma farsa
Que te faz pensar que se a janela tá
quebrada
A culpa é sua
(Cesar Mc - Antes que a bala perdida me
ache)

É impossível falar da sociedade brasileira sem se levar em consideração os mais de 300 anos de trabalho escravo dos povos africanos e seus descendentes na invasão da terra que veio a se chamar Brasil e do genocídio dos povos originários que aqui se encontravam. O último país no mundo a abolir a escravidão em 1888, mantém suas raízes escravocratas ainda muito presentes em nossa contemporaneidade a partir de mecanismos institucionais e estruturais racistas que submetem pessoas negras a subordinação do domínio da branquitude que se materializam em posições sociais e econômicas de inferioridade frente a população branca.

Dados do IBGE mostram que em 2018, 55,8% da população se declarou preta ou parda o que totaliza a população negra¹. Entretanto, pretos e pardos estão entre os maiores índices em situação de pobreza², são 77% das vítimas de homicídio no Brasil³, foram as mais

¹ MADEIRO, Carlos. *Negros são 75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos*. Maceió, 13 nov. 2019. Notícias Uol.

² *idem*.

³ ACAYABA, Cíntia; ARCOVERDE, Léo. *Negros têm mais do que o dobro de chance de serem assassinados no Brasil, diz Atlas; grupo representa 77% das vítimas de homicídio*. São Paulo, 31 ago. 2021. Portal G1.

afetadas pela pandemia da Covid-19⁴ compondo a maior taxa de mortalidade pelo vírus - 55% entre a população negra -. E se formos falar de empregabilidade, uma grande parcela da população negra vai sobreviver do trabalho informal,

O perfil do trabalhador informal brasileiro de subsistência é bem definido: homem, jovem, preto e de baixa escolaridade. Cerca de 75% têm o ensino fundamental incompleto ou inferior. Na faixa etária de 14 a 17 anos, o grupo representa mais de 80% e nas idades de 18 a 24 anos, os informais de subsistência são 64% do total.⁵

O Brasil, a maior dentre todas as diásporas africanas⁶ do mundo, conta com mais da metade da sua população composta por pretos/as e pardos/as e apesar de compor a grande porcentagem da população brasileira, são a minoria em posições de poder social e econômica, embora se constituem como maioria na composição populacional, as mulheres e o povo preto não têm vivenciado oportunidades igualitárias de acordo com a proporção numérica que ocupam na sociedade (COSTA, 2017).

Fatos estes que são explicados por Mário Theodoro a partir de uma análise histórica do processo de formação do mercado de trabalho no Brasil a partir da questão racial como elemento central. E, das contribuições de Maria Aparecida Silva Bento, popularmente conhecida como Cida Bento, em seus estudos sobre a branquitude e o processo de branqueamento no Brasil (BENTO, 2002).

Para Theodoro, a articulação da escravidão, Lei de Terras (1850), Lei da Abolição (1888), estímulo a imigração europeia e ideologias racistas compõem os principais fatores que fundamentaram a formação do mercado de trabalho brasileiro. Partindo desde o período escravocrata até os seus efeitos na atualidade, o autor demonstra que a realidade vivida pela população negra é resultado da interferência direta do Estado brasileiro em não apresentar medidas políticas de apoio socioeconômico aos recentes libertos da escravidão que perdurou por mais de 300 anos, sendo o último país no mundo a abolir a escravidão.

A grande presença de africanos escravizados na sociedade brasileira por conta do sistema escravocrata, contava com o trabalho escravo como a principal forma de produção econômica do Brasil Colônia, que vai sendo substituído gradativamente pelo trabalho livre ao longo dos anos 1800. Substituição que se dá de forma excludente a mão-de-obra negra por

⁴ EVANGELISTA, Ana Paula. *Negros são os que mais morrem por covid-19 e os que menos recebem vacinas no Brasil*. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Fiocruz.

⁵ PUENTE, Beatriz. *60% dos trabalhadores informais no Brasil fazem “bicos” para sobreviver, diz estudo*. Rio de Janeiro, 23 jun. 2022. CNN Brasil.

⁶ “A União Africana - organização internacional que promove a integração em diferentes aspectos entre os países do continente africano - reconhece e legitima as diásporas adotando-as, ainda, como o sexto território de África.” (NJERI; AZIZA, 2020, p. 60)

meio de mecanismos legais como a Lei de Terras, a Lei da Abolição e o processo de estímulo à imigração europeia.

Nas primeiras décadas do século XIX, levas de trabalhadores de origem portuguesa vieram a se engajar na força de trabalho. Já na segunda metade do século, imigrantes de outras nacionalidades, sobretudo italianos, vêm engrossar ainda mais o fluxo de trabalhadores estrangeiros. (THEODORO, 2008, p. 21)

De acordo com o autor, essa substituição da mão-de-obra negra pela dos imigrantes europeus tem seu início, então, mais de 30 anos antes da abolição da escravidão no país. Ocupando cada vez mais da produção de café, enquanto a população de escravos recentes libertos irá se juntar ao contingente de homens livres e libertos que se dedicavam em sua grande maioria à economia de subsistência ou em atividades mal remuneradas nos setores urbanos.

Não houve a valorização dos antigos escravos ou mesmo dos livres e libertos com alguma qualificação. O nascimento do mercado de trabalho ou, dito de outra forma, a ascensão do trabalho livre como base da economia foi acompanhada pela entrada crescente de uma população trabalhadora no setor de subsistência e em atividades mal remuneradas. Esse processo vai dar origem ao que, algumas décadas mais tarde, viria a ser denominado “setor informal”, no Brasil. (THEODORO, 2008, p. 24-25)

Que como apresentado anteriormente, ainda compõe a maior parte da ocupação de homens negros jovens e de baixa escolaridade no Brasil, resultantes deste processo de formação do mercado de trabalho brasileiro excludente ao povo que o construiu por meio da expropriação da sua mão-de-obra e de suas vidas por mais de 300 anos que localiza a população negra brasileira em situações de pobreza ainda maior em detrimento das demais. E, mesmo que em situação de pobreza, o branco ainda detém privilégio em relação a população negra pobre pois, nestes casos, a branquitude detém o privilégio da sua brancura em relação ao negro como apontado por Bento (2002).

Com a abolição, Theodoro destaca três possibilidades de enfrentamento da questão do trabalho: a primeira, acreditava que os antigos africanos escravizados pudessem continuar a trabalhar nas fazendas adotando o novo status de homens livres; a segunda, sugeria a utilização total ou parcial do contingente dos homens livres e libertos no lugar dos recém libertos escravos. E, por fim, havia a alternativa da imigração que acabou sendo a adotada pelas regiões economicamente mais dinâmicas, como o Sul e o Sudeste do país (THEODORO, 2008).

Entretanto, uma outra interpretação pela qual foi adotado a substituição da mão-de-obra negra pela dos imigrantes, fundamenta-se na incapacidade da população negra ao regime assalariado e na escravidão enquanto um obstáculo à acumulação do capital. Assim,

O processo de abolição e de substituição do trabalho escravo pelo do imigrante é percebido, desse ponto de vista, como inexorável, pois a escravidão representaria, no final do século XIX, um obstáculo à acumulação do capital. Esta, para se efetivar, necessitaria de um contingente de força de trabalho adaptado a relações laborais mais modernas, sobretudo ao assalariamento. Isso justificaria a opção pela mão-de-obra imigrante, na medida em que esses trabalhadores já estariam habituados ao regime assalariado. (THEODORO, 2008, p. 31)

Os ideais racistas que fundamentaram todo o processo de escravização de africanos, vai contribuir agora para a disseminação do pressuposto de que a mão-de-obra negra era “indolente” e inapta ao trabalho assalariado concomitantemente em que reforçava a ideologia do embranquecimento por meio de políticas de crescimento da população branca.

(...) no que tange aos antigos escravos, as fugas organizadas nas fazendas eram cada vez mais frequentes, o que contribuiu tanto para promover a ideia de que a mão-de-obra negra era indolente e inapta para a relação assalariada, bem como para reforçar a ideologia do embranquecimento. Nessa perspectiva, é relevante, para a compreensão do período, analisar o papel das ideias racistas, sua difusão e sua influência na implementação de uma política deliberada de incremento da população branca. (THEODORO, 2008, p. 32-33)

Maria Aparecida Silva Bento, popularmente conhecida por Cida Bento é uma importante intelectual negra, doutora em psicologia e em seu estudo sobre as relações raciais, a autora vai abordar as dimensões da branquitude a partir das ideias do branqueamento. Para Bento (2002), o branqueamento é frequentemente considerado um problema do negro, que na sua busca por identificar-se enquanto branco, miscigena para “diluir” seu fenótipo racial. Entretanto, a ideia do branqueamento e o seu processo surge da elite branca brasileira, fundamentada nos ideais da sua supremacia racial, econômica, política e social em relação aos demais povos.

Um importante elemento presente na gênese destes processos racistas destacado pela autora é o medo. Na construção do Outro a partir de si próprio está em sua gênese o medo, o medo do diferente e daquilo que é semelhante a si, mas está escondido nas profundezas do seu inconsciente.

Nesta altura, destacamos um outro elemento importante que está na gênese desses processos, e que é ressaltado por vários estudiosos das relações raciais no Brasil: o medo. Esta forma de construção do Outro a partir de si mesmo, é uma forma de paranóia que traz em sua gênese o medo. O medo do diferente e, em alguma medida,

o medo do semelhante a si próprio nas profundezas do inconsciente. (BENTO, 2002, p. 31-32)

O Outro - o negro - o medo e o Brasil colônia composto em sua grande maioria por negros foram o “gás propulsor” da política de imigração europeia. Imigração custeada pelo estado brasileiro por meio de políticas públicas que visavam o embranquecimento do contingente populacional brasileiro que como apontado por Theodoro “Não é custoso reforçar que a promoção da imigração era claramente assentada na ideologia do branqueamento” (2008, p. 35) e que “O governo subvencionou quase 60% do total dos imigrantes que chegaram entre 1888 e 1915, sendo que, no período entre 1891 e 1900, essa taxa teria sido de 80%.” (2008, p. 35).

Imigrantes que como apresentado anteriormente virão a ocupar os principais cargos de trabalho, tendo acesso à terra e tendo as possibilidades concretas de ascender socialmente em pouco tempo. Apesar de uma importante mudança, a abolição da escravidão não irá garantir meios necessários para a inserção do povo negro na sociedade brasileira e na luta de classes. Com a absorção majoritária da mão-de-obra estrangeira europeia a população negra foi jogada à sua própria sorte e vítima da ideologia do branqueamento que objetivava o seu apagamento na sociedade brasileira.

Perdida sua centralidade no debate sobre o processo de trabalho nas propriedades rurais, a presença negra se esvaía como objeto de intervenções públicas que tivessem como intuito a sua inclusão. Ao contrário, compreendida como um entrave ao desenvolvimento nacional, a presença da população negra no país era percebida como um obstáculo que deveria ser superado. E a sua gradual extinção seria então realizada pela via do embranquecimento. (THEODORO, 2008, p. 39)

O processo de embranquecimento ou a ideologia do branqueamento na sociedade brasileira vêm a ser então, um importante mecanismo de extinção gradual e silenciosa da presença massiva de negros e negras do país. O medo do Brasil negro, sustentado pelo racismo e pelo desejo de se reconhecer enquanto um país próximo aos ideais europeus, é o que embasa o estímulo a imigração europeia e o embranquecimento.

1.2 Mito da democracia racial e ideologia do branqueamento

O Brasil é um país de clima tropical
Onde as raças se misturam naturalmente
E não há preconceito racial
(Racionais Mc's - Racistas Otários)

“O que predomina na “democracia racial” brasileira é o preconceito de não ter preconceito.” (GONZALEZ, 2020, p. 168)

O apagamento da parcela majoritária de negros e negras no país vai se constituir como uma necessidade para o impulsionamento do desenvolvimento nacional enquanto uma sociedade capitalista que vai buscar incessantemente alcançar os padrões hegemônicos branco-europeu. O mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento vão ocupar papel significativo neste processo, injetando nos brasileiros e em especial na sua população racializada, como os povos originários, quilombolas e negra, a crença de que o racismo não é uma realidade na sociedade brasileira ao mesmo tempo em que propaga a ideia da miscigenação como um produto valioso da sua brasilidade.

Em “Branqueamento e branquitude no Brasil” Cida Bento (2002) aponta a omissão que o branco ocupa nas relações raciais brasileiras e a ausência de reflexões em torno do papel do branco nas desigualdades raciais no Brasil acentuando a ilusória crença de que as desigualdades raciais na sociedade brasileira é um problema exclusivamente do negro, onde “o foco da discussão é o negro e há um silêncio sobre o branco” (BENTO, 2002, p. 26). E que desta forma, com o branqueamento não seria diferente, sendo compreendido como um problema do negro que não aceitando sua condição enquanto negro, procura se identificar como branco e visualiza na miscigenação uma forma de diluir seu fenótipo racial.

Entretanto, Bento (2002) destaca que o branqueamento nasce do medo da elite branca brasileira entre o final do século XIX e início do século XX, objetivando extinguir progressivamente a massa populacional de negros no Brasil que desde o período colonial vai induzir o cruzamento racial por meio do estupro e abuso sexual de mulheres negras e homens negros como uma solução para este “problema”.

Apesar de direcionado a população negra na sua gênese, o branqueamento vai afetar a todos os brasileiros por meio do desejo da “europeização” como afirmado por Bento (2002). O desejo da “europeização” sentido pela elite branca brasileira expressa-se no seu desejo de aproximar-se cada vez mais do padrão europeu ou norte-americano e afastar-se cada vez mais das suas raízes latinas e no caso negro, da sua *amefricanidade*⁷.

⁷ “Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a Jamaica e o akan, seu modelo dominante; o Brasil e seus modelos iorubá, banto e ewe-fon. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica. Desnecessário dizer que a categoria de amefricanidade está intimamente relacionada àquelas de *pan-africanismo*, *négritude*, *afrocentricity* etc.” (GONZALEZ, 2020, p. 135)

Fundadora da categoria da amefricanidade, a autora negra brasileira e estudiosa das relações raciais na sociedade brasileira e na *Améfrica*⁸, Lélia Gonzalez afirma que o mito da democracia racial e o ideal de branqueamento constituem dois importantes processos de formação da sociedade brasileira, ao lado dos papéis sociais atribuídos às mulheres negras por meio das noções de doméstica e mulata.

O mito da democracia racial constitui um dos mais eficazes mitos de dominação ideológica de acordo com Lélia Gonzalez, afirmando uma suposta grande harmonia racial entre brancos, pretos e indígenas, em que “Na sequência da suposta igualdade de todos perante a lei, ele afirma a existência de uma grande harmonia racial... Sempre que se encontrem sob o escudo do grupo branco dominante; o que revela sua articulação com a ideologia do branqueamento.” (GONZALEZ, 2020, p. 144). Juntamente do discurso meritocrático, onde todos possuem as mesmas condições de ascender socialmente na sociedade de classes, culpabilizando o indivíduo pela sua “incapacidade” e “fracasso”, ignora conscientemente importantes fatores sociais que dificultam o trajeto de vida desses indivíduos, como a herança escravocrata do Brasil no caso da população negra.

Gonzalez (2020) vai enfatizar que, anterior ao mito da democracia racial, a ideologia do branqueamento vai se apresentar como uma forma de branquear a população brasileira após o resultado do primeiro censo brasileiro de 1872 que já indicava a maioria da população brasileira como negra, por meio da entrada massiva de imigrantes europeus como apresentado anteriormente.

Desta forma, a ideologia do branqueamento configura-se como um eficiente mecanismo de manter negros e indígenas nas posições subalternas das classes mais exploradas, reproduzindo e perpetuando a crença de que a cultura ocidental branca é hegemônica e superior as demais, compondo o parâmetro do que é verdadeiro e universal. Tendo-se em vista que,

Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca comprova a sua eficácia e os efeitos de desintegração violenta, de fragmentação da identidade étnica por ele produzidos, o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue” como se diz no Brasil), é internalizado com a consequente negação da própria raça e da própria cultura. (GONZALEZ, 2020, p. 143)

Diante do exposto até aqui é notório as artimanhas diretas e indiretas do Estado brasileiro em tentar apagar da sua história a presença negra, ou como muito bem nomeado por

⁸ “[...] a Améfrica, enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos.” (GONZALEZ, 2020, p. 135)

Lélia Gonzalez, da sua amefricanidade. Articulados entre si, o estímulo a imigração europeia, o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento constituem então importantes mecanismos de apagamento da população negra da sociedade brasileira desde o período colonial, 30 anos antes da abolição da escravidão, como apresentado por Mário Theodoro.

O insucesso destas tentativas de apagamento do povo preto na sociedade brasileira, é demonstrado nos dados estatísticos atuais que trazem a composição populacional brasileira composta em mais da metade por pretos e pardos. O medo do Brasil negro ainda vive e novos mecanismos de genocídio da população negra são aplicados, como a violência policial que com suas “balas perdidas” encontram certamente corpos pretos, o feminicídio e a violência obstétrica que vão afetar majoritariamente mais mulheres negras do que mulheres brancas, o encarceramento em massa de homens negros jovens, o trabalho análogo a escravidão e, tratando-se de mulheres negras, ainda irão ocupar corriqueiramente o cargo de empregadas domésticas, a herança escravocrata atual das mucamas de acordo com Lélia Gonzalez.

Compreender a formação da sociedade brasileira sem levar-se em consideração a importante questão racial, é deixar de lado a brutal realidade enfrentada por milhares de africanos escravizados que construíram na base da violência esta sociedade na diáspora africana brasileira, e ignorar igualmente a realidade enfrentada pelos seus descendentes na atualidade no Estado de Maafa, termo definido por Marimba Ani (1994) que descreve precisamente o que o povo preto vem enfrentando desde a escravização dos africanos nas américas.

1.3 Diáspora africana e Estado de Maafa

Me digam quem é feliz, quem não se
desespera
Vendo nascer seu filho no berço da
miséria
Um lugar onde só tinham como atração
O bar e o candomblé pra se tomar a
bênção
Esse é o palco da história que por mim
será contada
Um homem na estrada
(Racionais Mc's - Homem na Estrada)

A herança escravocrata na sociedade brasileira é uma ferida aberta. Tentaram encobri-la com o mito da democracia racial e com a tentativa de apagamento da população negra brasileira por meio da ideologia do branqueamento. Mas ela está escancarada nas manchetes de jornais,

nos presídios, nas vítimas do homicídio, nas filas da Assistência Social e dos Hospitais Públicos, nas casas de “madame” com suas empregadas domésticas e babás negras, nos condomínios de luxo com seus porteiros negros, nos entregadores de delivery, ela está aí.

A realidade social enfrentada pelo povo negro na diáspora africana brasileira não tem sido fácil. Mulheres negras enfrentam, além das adversidades de serem alvo da opressão de raça e de gênero, a dor de enterrarem seus filhos e seus companheiros. Homens negros jovens e periféricos são alvos das balas perdidas que sempre encontram seus corpos. O racismo religioso que direciona ataques de violência e ódio exclusivamente a religiões de matriz africana. As perseguições em lojas de departamento por seguranças que detectam o estereótipo de “ladrão” em corpos pretos.

Toda essa realidade é resultado do estado de Maafa, termo definido por Marimba Ani (1994) para designar “os fenômenos de sequestro, cárcere, escravidão, colonização, objetificação, guetificação e genocídio que a população negra, independente da territorialidade, sofre diretamente desde 1500” (NJERI, 2019, p. 7). O estado de Maafa completa Aza Njeri (2019) é o genocídio histórico e contemporâneo global que afeta diretamente a saúde física e mental dos povos africanos em todas as áreas de suas vidas. “Desta forma, os africanos sofrem o trauma histórico da sua desumanização e reproduzem as violências, contribuindo - e muitas das vezes facilitando o trabalho - para o genocídio” (NJERI, 2019, p. 7).

Compreender todos estes processos é necessário para que possamos nos situar no agora sem cair nas falácias de que basta o nosso mérito e força de vontade para alcançar o sucesso ou sermos duas vezes melhor do que os demais, tendo-se em vista que estamos cem vezes mais atrasados pela herança escravocrata e pelo racismo que nos perseguem cotidianamente como muito bem apontado por Mano Brown⁹.

O apagamento das nossas existências na sociedade brasileira ultrapassa a nossa corporeidade, transformando nossa cultura e arte em culturas populares nacionais como o samba, o funk, a feijoada e Machado de Assis, desassociando-as dos corpos pretos que as criaram ao mesmo tempo em que operam novos mecanismos de genocídio contra a população negra, em especial a periférica, como através da chamada “Guerra às Drogas” e pelas diversas

⁹ Fala do Mano Brown que antecede a música “A vida é desafio”, do Racionais MC’s na gravação do DVD Mil trutas Mil tretas (2006): “Tem que acreditar. Desde cedo a mãe da gente fala assim: “filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor.” Aí, passado alguns anos eu pensei: “Como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo menos cem vezes atrasado? Pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses, por tudo o que aconteceu. Duas vezes melhor como? Ou melhora, ou cê é o pior de uma vez, sempre foi assim. Você vai escolher o que estiver dentro da sua realidade. Você vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí? Acorda pra vida, rapaz!”.

tentativas de diminuição da maioria penal, além dos inúmeros sucateamentos contra os setores da educação pública, seguridade social, segurança pública, etc.

É preciso dar nome ao que vivemos, se não nomearmos elas não existem e se não existem estaremos dando aval de que na sociedade brasileira ninguém nunca é racista, mas o racismo existe. As maiores taxas de contaminação e mortalidade pela Covid-19 serem em pessoas negras tem nome. A grande porcentagem de empregadas domésticas serem mulheres negras, de homens negros jovens serem encarcerados, mortos ou trabalhadores informais tem nome. E este nome é racismo estrutural e institucional.

Silvio Almeida, advogado e atual ministro do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, em seu livro *O que é Racismo Estrutural?* Enfatiza as três concepções de racismo: individualista, institucional e estrutural. Na concepção estrutural o autor vai afirmar que o racismo é uma decorrência da estrutura social, sendo desta forma estrutural, onde “Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção” (ALMEIDA, 2018, p. 38).

Desta forma, nesta monografia, partindo da centralidade da questão racial enquanto um processo estruturante da sociedade brasileira busca-se mostrar o protagonismo preto e a questão racial enquanto um importante ponto a ser abordado e discutido na formação profissional de assistentes sociais no curso de Serviço Social, para contribuir na materialização da luta antirracista, para compreender as expressões da questão social que simultaneamente a questão racial afetam o cotidiano dos usuários e das usuárias do Serviço Social nas mais diversas áreas de atuação, em especial naquelas em que a presença de pessoas negras é uma constante tendo-se em vista o processo de formação do mercado de trabalho no Brasil como demonstrado por Mário Theodoro.

CAPÍTULO II - Serviço social e a questão racial

A escassez de referências bibliográficas obrigatórias de autores e autoras negros e negras durante a graduação e como referência norteadora para a atuação profissional pode acarretar em uma intervenção racista e não sensível ao recorte de raça dos/as usuários/as, impossibilitando uma atuação emancipadora e antirracista. Desta forma, este capítulo será dedicado para a exposição da insuficiência/escassez de produções acadêmicas relacionadas à temática racial na formação profissional de assistentes sociais no curso de Serviço Social a partir de referenciais bibliográficos de discentes do Serviço Social brasileiro sobre a temática objetivando compreender de que forma isto pode prejudicar não só a formação dos futuros e futuras assistentes sociais, mas principalmente os e as usuários/as que são em sua grande maioria compostos pela população negra brasileira.

Para demonstrar a relevância da questão racial na formação e na prática profissional é necessário compreender de que forma a questão racial vai se situar na graduação do Serviço Social. Desde a sua aproximação com a teoria social marxista, o Serviço Social brasileiro tem norteado a atuação de assistentes sociais a partir de um olhar crítico sobre as dinâmicas sociais e econômicas frutos do sistema capitalista, principalmente relacionadas ao seu objeto de trabalho, a questão social. Para Iamamoto (1998),

Os assistentes sociais trabalham com a questão social nas suas mais variadas expressões quotidianas, tais como os indivíduos as experimentam no trabalho, na família, na área habitacional, na saúde, na assistência social pública etc. Questão social que, sendo desigualdade é também rebeldia, por envolver sujeitos que vivenciam as desigualdades e a ela resistem e se opõem. (p. 28)

Entretanto, um ponto central ficou e permanece invisibilizado desde os processos que culminaram no Serviço Social que concebemos, articulado com as pautas e as lutas da classe trabalhadora e com uma percepção crítica da formação sócio-histórica brasileira e da profissão: o debate da questão racial e a sua indissociabilidade com a questão social. É importante enfatizar, que as constatações expostas aqui partem de percepções compartilhadas por graduandas e graduandos negros e negras do Serviço Social brasileiro, objetivando a reflexão da categoria profissional e agregar positivamente as mudanças na formação profissional em relação ao debate étnico-racial.

As Diretrizes Curriculares do Serviço Social compõem a base comum nacional para os cursos de graduação em Serviço Social. A partir deste documento, as instituições de ensino

públicas e privadas devem cumprir com os requisitos estabelecidos pela Diretriz Curricular para garantir a formação de profissionais

[...] dotado de formação intelectual e cultural generalista crítica, competente em sua área de desempenho, com capacidade de inserção criativa e propositiva, no conjunto das relações sociais e no mercado de trabalho. Profissional comprometido com os valores e princípios norteadores do Código de Ética do Assistente Social. (ABEPSS, 1999, p. 1)

As Diretrizes Curriculares do Serviço Social sustenta-se em três núcleos de fundamentação da formação profissional: o núcleo de fundamentos teórico-metodológicos da vida social, o núcleo de fundamentos da formação sócio-histórica da sociedade brasileira e o núcleo de fundamentos do trabalho profissional, que correspondem a “[...] um conjunto de conhecimentos e habilidades que se especifica em matérias, enquanto áreas de conhecimentos necessários à formação profissional.” (ABEPSS, 1999, p. 4). Será enfatizado, entretanto, somente o núcleo de fundamentos da formação sócio-histórica da sociedade brasileira, responsável por compreender a sociedade brasileira a partir de suas características históricas particulares, em conteúdos que abordem

A herança colonial e a constituição do Estado Nacional. Emergência e crise na República Velha. Instauração e colapso do Estado Novo. Industrialização, urbanização e surgimento de novos sujeitos políticos. Nacionalismo e desenvolvimento e a inserção dependente no sistema capitalista mundial. A modernização conservadora no pós 64 e seu ocaso em fins de década de setenta. Transição democrática e neoliberalismo. (ABEPSS, 1999, p. 5).

Já o Código de Ética do/a Assistente Social (1993) um dos principais documentos da categoria profissional por orientar os valores e os princípios que norteiam o agir profissional, traz como alguns dos seus princípios fundamentais o “VI. Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças” (CFESS, 2011, p. 23) e o “XI. Exercício do Serviço Social sem ser discriminado/a, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, orientação sexual, identidade de gênero, idade e condição física.” (CFESS, 2011, p. 24)

No entanto, nenhum dos dois documentos estabelece claramente um compromisso centralizado na questão racial. O núcleo de fundamentos da formação sócio-histórica da sociedade brasileira, das diretrizes curriculares, por exemplo, apesar de mencionar a herança

colonial fica muito vago de que forma será trabalhado e o que será trabalhado em relação a essa “herança colonial”. E o código de ética, menciona o empenho no combate às discriminações e ao preconceito sem mencionar em nenhum momento o termo raça ou racial.

Em uma rápida pesquisa pela plataforma Scielo¹⁰ a partir das palavras-chave “serviço social e raça” dos 15 resultados apresentados, apenas 4 foram da Revista Serviço Social & Sociedade e destes, apenas 2 tratavam sobre raça. Já utilizando as palavras-chave “serviço social e questão racial” obteve-se 8 resultados sendo 7 de Revistas do Serviço Social (a Revista Katálysis e Serviço Social & Sociedade). Sendo de extrema importância destacar o volume 25, número 2 da Revista Katálysis publicado em 2022, que dos 26 artigos que a compõem, 15 abordam a questão racial e 1 é voltado para a arte.

No decorrer da minha graduação, lembro-me de ter referências bibliográficas de autores e autoras negros e negras apenas em disciplinas não obrigatórias do curso de Serviço Social. Quando utilizado, a questão racial aparecia apenas como um lembrete da sua existência, para não se “passar em branco”. Então, se apesar de compor um dos compromissos do nosso código de ética e de estar presente na diretriz curricular da profissão, por que a questão racial continua sendo negligenciada pela categoria profissional?

Eis, a urgência de termos acesso à produção de conhecimento de pessoas negras no curso de graduação em serviço social, em especial a literatura de mulheres negras, que é a questão central a ser apresentada nesta monografia e em como isso vem sendo modificado aos poucos pelas nossas próprias mãos negras ao nos inserir neste espaço acadêmico.

Enfatizando a contribuição da *escrivivência* da autora Conceição Evaristo, a partir da vivência do projeto de intervenção, o Clube de leitura “Vozes Negras”, no estágio obrigatório em Serviço Social, embasando-me pelos relatórios dos encontros do clube de leitura, dos relatórios do estágio elaborados em Estágio 1 e 2 e dos relatos presentes no diário de campo. Buscando compreender *Como a Literatura de Conceição Evaristo pode colaborar com o debate das relações étnico-raciais no Serviço Social?* E, especificamente, *O quanto é necessário termos acesso à literatura de mulheres negras para pensar em formas de trabalho no Serviço Social?*

A insuficiência de produções acadêmicas relacionadas à temática racial, sejam referenciais bibliográficos obrigatórios em sala de aula, debates, artigos ou livros, é um ponto

¹⁰ Pesquisa realizada na data de 07 de fevereiro de 2023 na plataforma Scielo.

que vem sendo enfatizado pelos graduandos/as negros e negras do Serviço Social há bastante tempo. Junior (2013) no seu artigo *Questão racial e Serviço Social: um olhar sobre sua produção teórica antes e depois de Durban* faz um resgate da temática racial nas produções acadêmicas-profissionais objetivando entender como vêm sendo a trajetória da questão racial no Serviço Social e como esse debate racial tem sido incorporado na sua produção teórico-metodológica.

Um dos principais movimentos da categoria profissional no debate da questão étnico-racial vem a ser o Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais - CBAS de 1989, onde através do protagonismo de assistentes sociais negras a questão racial passa a ser reconhecida como uma categoria de análise (JUNIOR, 2013).

A partir deste resgate de produções, o autor afirma que as produções relacionadas a raça ficam em média de três por congresso e encerra a sua pesquisa afirmando que esta temática segue sendo pouco pesquisada pela categoria, levantando o seguinte questionamento: *“Se a intervenção do assistente social fica cada vez mais qualificada na medida em que o mesmo conhece a realidade em que está inserido, o que ocorre quando um eixo que estrutura a nossa vida social é praticamente ignorado?”* (JUNIOR, 2013, p. 9, **grifo do autor**).

Algumas das hipóteses levantadas pelo autor para esta pouca produção está relacionada: “a pouca quantidade de professores universitários do serviço social pesquisando sobre questão racial, a subalternidade dessa questão frente a outras tidas como prioritárias, a ideologia da democracia racial presente no contexto nacional etc.” (JUNIOR, 2013, p. 18). Uma outra hipótese a ser considerada é a entrada relativamente recente de estudantes pretos e pardos, estudantes de escolas públicas, pessoas com deficiência, indígenas e de baixa renda por meio das políticas de ações afirmativas, como a Lei 12.711¹¹. Modificando o perfil estudantil dos campus universitários públicos até então majoritariamente branco e elitizado.

Este fenômeno foi denominado por Moreira (2021) de enegrecimento da categoria,

Compreendemos que um dos principais fatores que contribuem para o avanço da discussão étnico-racial na atualidade e sua expressiva incorporação pelas entidades profissionais, é o enegrecimento da categoria: cada vez mais temos observado o ingresso estudantes negros/as, indígenas e quilombolas nos cursos de graduação e pós-graduação em Serviço Social – e aqui destacamos a importância das cotas raciais nesse processo, enquanto fruto da luta histórica do movimento negro. (p. 85)

Outras duas produções acadêmicas que demonstram a insuficiente produção teórica e de debate centralizados na questão racial é o trabalho de conclusão de curso da Débora

¹¹ Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

Oliveira Ramos (2016) “*A BRANQUITUDE COMO UMA ESTRUTURA E A QUESTÃO SOCIAL NEGRA NO BRASIL: uma premissa analítica da produção científica do Serviço Social no ENPESS e CBAS*” e a dissertação de mestrado em Política Social de Leonardo Dias Alves (2020) “*SERVIÇO SOCIAL E QUESTÃO RACIAL: tensionamentos e disputas no processo de formação acadêmico-profissional*”¹².

Ramos (2016) em seu trabalho de conclusão de curso analisou as produções teórico-científicas de estudantes e profissionais da área do Serviço Social apresentados em dois eventos de suma importância para a categoria profissional: o Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social – ENPESS e o Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais – CBAS. Os resultados obtidos pela autora mostram que as seis edições dos dois eventos somam um total de 6.999 trabalhos. Entretanto, deste total, apenas 122 trabalhos abordavam a questão racial.

Assim como a dissertação de Alves (2020) demonstra que existe uma lacuna entre o Serviço Social e o debate acerca do racismo. Através da análise dos projetos políticos pedagógicos de seis Instituições de Ensino Superior (IES) públicas associadas à Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), com o intuito de identificar as disciplinas que abordam a temática étnico-racial, o autor apresenta que a temática étnico-racial, em especial o racismo, está marginalizada no processo de formação acadêmico-profissional nas IES analisadas.

Tais constatações são fruto do pioneirismo da atuação de assistentes sociais negras que vem trazendo notoriedade a este debate desde o VI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS) em 1989, um marco no que se refere a trajetória do debate étnico-racial na profissão. Em relação a isto, Fornazier, Gonçalves e Favaro (2023) afirmam,

Em que pese o marco público, coletivo e emblemático do VI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS) de 1989 na trajetória do debate étnico-racial na profissão, tendo em vista ser o momento no qual as assistentes sociais negras se organizam para apresentar teses sobre a temática no maior evento da categoria profissional, há na história pregressa do Serviço Social mulheres negras que se tornaram referências na luta e na resistência contra o racismo e o sexismo, mas que também sofreram com a invisibilidade histórica na profissão. (p. 127)

¹² É relevante destacar que uma variedade de estudos no âmbito do Serviço Social têm investigado a relação entre a questão racial e o debate das relações étnico-raciais e o processo de formação profissional dos/as assistentes sociais. Neste trabalho de monografia, optou-se por abordar especificamente as contribuições acadêmicas de Débora Oliveira Ramos e Leonardo Dias Alves, dado que suas pesquisas estão alinhadas com os objetivos propostos nesta análise.

Invisibilidade histórica do protagonismo de mulheres negras na profissão, onde aprendemos em sala de aula a herança de Mary Richmond e ignora-se a importância de Dona Ivone Lara, renomada no samba e uma das primeiras assistentes sociais negras do Brasil.

E esta invisibilidade histórica na profissão compromete diretamente a formação de assistentes sociais que terão que lidar diretamente com as expressões da questão social e racial que afetam em sua grande maioria a população negra brasileira, tendo-se em vista o processo de formação da sociedade e do trabalho brasileiro como demonstrado no primeiro capítulo. Sem levar-se em consideração as relações raciais e suas implicações no cotidiano dos/as usuários/as e do agir profissional, estaremos negligenciando nosso compromisso ético-político.

Moreira (2021) apresenta que em uma pesquisa realizada pelo CRESSSP, através do Comitê de Assistentes Sociais no combate ao Racismo, 49% dos/as profissionais já haviam presenciado situações de preconceito/discriminação contra usuários/as, porém, 61% dos/as profissionais afirmaram que em seus campos de atuação não havia nenhuma atividade ou discussão com os/as usuários/as sobre a questão étnico-racial, além de 35% afirmarem não utilizar o quesito raça/cor nos instrumentais de atendimento por não se tratar de algo importante.

Em relação a este mesmo ponto, o artigo de Gracyelle Costa (2017) *Assistência Social, no enlace entre a cor e gênero dos (as) que dela necessitam*, traz como um dos principais pontos destacados e denunciado pela autora a ausência do quesito raça/cor no Prontuário SUAS como uma das perguntas que deveriam o compor, sendo um grande retrocesso que reforça o racismo institucional por meio desta omissão. A autora exemplifica isto, em um caso vivenciado pela mesma durante a sua pesquisa:

Além disso, desconsiderar o quesito raça/cor no Prontuário contribui de forma tácita com a fragmentação a que a própria racionalidade burocrática dos serviços imputa na leitura dos(as) usuários(as) e suas famílias, a partir de instrumentais descolados da própria realidade. Um exemplo quanto a isso pode ser dado a partir de um caso explicitado ao final de uma das entrevistas: após anos acompanhando determinada família que, seguidamente, comparecia ao CRAS para solicitar desbloqueio do benefício do PBF em decorrência do descumprimento de condicionalidades da educação, a mãe da criança indicou que a mesma tinha dificuldades em manter a frequência na escola devido ao fato de sofrer constantes atos de racismo de seus colegas de classe, pelo simples fato de ser negra. (COSTA, 2017, p. 236)

A negação da questão racial pelos/as profissionais como um elemento fundamental para compreender os usuários e suas famílias é praticamente impossível tendo-se em vista uma presença negra constante, o que Costa (2017) vai explicar se tratar de uma conduta

monocromática dos profissionais da assistência social, homogeneizando os usuários a partir da condição de classe como único fator que os unifica. Dessa forma, a autora afirma que

O Serviço Social ainda tem colocado à margem, em sua produção bibliográfica, a discussão aprofundada destas que são também expressões da chamada “questão social”. E quando as situa, dificilmente as dimensões de gênero e étnico-racial são tratadas de forma articulada. (COSTA, 2017, p. 240)

Para além de um compromisso com a eliminação de toda forma de preconceito e discriminação na sociedade, é igualmente um compromisso com os/as estudantes negros e negras do Serviço Social brasileiro e com os/as usuários/as fomentar o debate étnico-racial nas salas de aula, nos congressos, nos seminários e especialmente nos espaços sócio-ocupacionais. É inconcebível discutir a formação da sociedade brasileira e do capitalismo, do trabalho e da questão social ou do gênero sem se levar em conta o fator da raça e do racismo.

É permitir a reprodução de uma conduta monocromática (COSTA, 2017) dos/as assistentes sociais, tratando a questão racial como um mero detalhe frente às condições de classe, quando na realidade concreta pessoas negras continuam sendo vitimizadas por todas as formas de violações de direitos, negligências, subemprego, que resumidamente, continuam sendo a composição expressiva da população alvo das expressões da questão social que vão à atingir de uma forma ainda mais acentuada do que em relação a população branca. Pois,

É na esfera das relações sociais que a questão racial ganha amplitude, na forma como a população negra acessa a riqueza socialmente produzida, ao estabelecer relações afetivas, no acesso e permanência no mercado de trabalho, na invisibilidade escolar. Enfim, é na vida cotidiana que a diversidade racial ganha contornos de desigualdade social. (EURICO, 2013, p. 295-296)

Tratando-se das desigualdades sociais e raciais na sociedade brasileira, inúmeros dados demonstram as disparidades entre a população negra e não negra tanto no âmbito das variáveis que influenciam diretamente uma boa qualidade de vida como empregabilidade, educação e acesso ao saneamento básico, quanto no âmbito das violências e da mortalidade.

De acordo com o folheto informativo *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE de 2022, o acesso desigual ao bem-estar social e econômico ainda é uma realidade para a população negra brasileira, onde “[...] apesar da população preta e parda representarem 9,1% e 47,0%, respectivamente, da população brasileira em 2021, sua participação entre indicadores que refletem melhores níveis

de condições de vida está aquém desta proporção.” (p. 2) como por exemplo no rendimento médio domiciliar per capita¹³, no acesso à moradia¹⁴ e na taxa de homicídios¹⁵.

Um outro documento lançado em 2021 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, o Atlas da Violência, demonstra que em 2019 os negros representaram 77% das vítimas de homicídios e as mulheres negras representaram 66% do total de mulheres assassinadas no Brasil. Se a população negra continua em posições de subalternidade frente ao branco, desde o período escravocrata onde diversos povos africanos foram nomeados de negro - o outro - e o branco a universalidade, até a emergência da industrialização e modernização e, conseqüentemente, do trabalho livre e do sistema capitalista no Brasil, como podemos negligenciar o seu estudo durante a formação profissional?

Para Correia (2020), o silenciamento da questão étnico-racial é compreendida como a naturalização e/ou invisibilidade pela forma marginal e secundária que a temática é tratada no bojo da profissão desde o já mencionado VI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais de 1989. “Nesse sentido, entende-se o silêncio da questão étnico-racial não como ausência, mas como consequência de determinações estruturais manifesta no encaminhamento da temática para a via marginal ou para discussões pontuais em momentos ocasionais.” (CORREIA, 2020, p. 125)

Um dos pontos centrais defendidos pela autora é que levantar o debate sobre as desigualdades étnico-raciais na formação profissional em conjunto com a história econômica e política do processo de formação social do Brasil, é possibilitar aos assistentes sociais a compreensão de que o capitalismo brasileiro se ergueu sobre o racismo estrutural e quebrar com o mito da democracia racial. Suscitar o debate da questão étnico-racial seria, desta forma, quebrar com uma atuação orientada pelo mito da democracia racial.

A “democracia racial” exerceu um papel importante na naturalização das determinações étnico-racial na conformação da “questão social” brasileira e, somam-se a ela, os meios de apropriação do marxismo pela profissão, fazendo com que a luta antirracista no Brasil fosse vista e analisada dissociada da luta anticapitalista. (CORREIA, 2020, p. 134)

¹³ “Em 2021, o rendimento médio domiciliar per capita da população branca (R\$ 1.866) era quase duas vezes o verificado para a população preta (R\$ 965) e parda (R\$ 945), tendência que se manteve desde 2012.” (IBGE, 2022, p. 5)

¹⁴ “Entre a população residente em domicílios próprios, 20,8% das pessoas pardas e 19,7% das pessoas pretas residiam em domicílios sem documentação da propriedade, enquanto a proporção encontrada entre as pessoas brancas era cerca de metade desse valor (10,1%). Pretos e pardos enfrentam, portanto, uma situação de maior insegurança de posse e de informalidade da moradia própria.” (IBGE, 2022, p. 6)

¹⁵ “Os números encontrados mostram alta desigualdade na taxa de homicídios por cor ou raça, pois em 2020, as pessoas de cor ou raça apresentaram taxa de 34,1 mortes por 100 mil habitantes e as de cor ou raça preta de 21,9 mortes, o que representa quase o triplo e o dobro, respectivamente, da taxa observada entre as pessoas de cor ou raça branca, 11,5 mortes por 100 mil habitantes.” (IBGE, 2022, p. 11)

Ou seja, a urgência da articulação entre as expressões da questão social ao debate das questões étnico-raciais é algo que já vem sendo levantado por estudantes e profissionais negros/as do Serviço Social brasileiro desde o ato de coragem de Magali da Silva Almeida e Matilde Ribeiro, mulheres negras assistentes sociais que corajosamente pautaram o debate étnico-racial em um dos maiores eventos da categoria profissional, o VI CBAS (1989).

No entanto, é relevante mencionar avanços que merecem destaque, tais como a iniciativa da Campanha “Assistentes Sociais no Combate ao Racismo”, conduzida durante o triênio 2017/2020 pelo Conjunto CFESS-CRESS, que culminou na publicação de um livro de mesmo nome. Adicionalmente, merece atenção a gestão “Tecendo na luta a manhã desejada” do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) no triênio 2014/2017, que lançou a série “Assistente Social no Combate ao Preconceito”. Essa série engloba uma compilação de cadernos cuja finalidade é orientar e estimular os/as assistentes a uma análise crítica das variadas situações de preconceito que podem vir a serem enfrentadas no cotidiano profissional e acerca do fenômeno do preconceito, investigando suas raízes e bases históricas. O terceiro volume da série aborda a questão do racismo, enquanto os demais cadernos exploram temáticas que englobam, entre outras, a definição do preconceito, a transfobia, a xenofobia, o machismo, e assim por diante¹⁶.

Mais de vinte anos se passaram desde o VI CBAS (1989) e estudantes e profissionais negros/as do Serviço Social brasileiro ainda reforçam a importância de se pautar o entrelaçamento entre as expressões da questão social a questão racial, ou como Gonçalves (2018) bem pontuou “A questão racial é, insistimos, o nó da questão social, e ganha novos contornos nos dias atuais.” (p. 519). E apesar do enegrecimento da categoria, o Serviço Social brasileiro permanece reproduzindo os mecanismos de silenciamento da presença negra, seja por meio do mito da democracia racial e do racismo estrutural tanto no ambiente acadêmico quanto de atuação, seja pelo racismo acadêmico.

O racismo acadêmico não é um “privilegio” do curso de graduação e pós-graduação do Serviço Social brasileiro e pode ser compreendido como a omissão e/ou invisibilidade da produção de conhecimento de autores e autoras negros e negras tanto brasileiros/as quanto estrangeiros no ambiente acadêmico.

O que chamamos aqui de racismo acadêmico é a ocultação sistemática de autores(as) negros(as) e suas produções. Boa parte das produções intelectuais sobre a formação da sociedade brasileira utilizadas em nossa formação profissional são de autores(as)

¹⁶ As produções mencionadas estão disponíveis no site do CFESS: <http://www.cfess.org.br/visualizar/livros>.

brancos(as). Com isso, não negamos as suas contribuições, no entanto consideramos que esse movimento dificulta a compreensão da realidade de forma ampla, levando em conta suas múltiplas determinações. (CORREIA; ALCANTARA, 2023, p. 68-69)

Já avançamos em muitos aspectos, mas ainda há muito a percorrer para alcançar uma formação verdadeiramente comprometida com o debate da questão étnico-racial. Para além da classe social e do gênero, a raça e o racismo entrelaçada a estes fatores¹⁷ é essencial para compreender o porquê de tantas mulheres negras responsáveis pelo sustento e sobrevivência de suas famílias nas filas dos programas da Política de Assistência Social ou vítimas das mais diversas formas de violências, por exemplo, os dados oficiais estão aí para demonstrar isso.

Negligenciar um aspecto tão fundamental para a compreensão do processo histórico do país e da profissão é dar brechas para que retrocessos conservadores e incompatíveis com o nosso projeto ético-político e Código de ética se materializam na formação e atuação dos/as assistentes sociais nos diversos espaços sócio-ocupacionais da categoria.

Não podemos perder de vista que nossa profissão, tal como enfatizado nas Diretrizes Curriculares da ABEPSS (1996), exige uma formação que possibilite a apreensão crítica do processo histórico como totalidade, compreensão sobre a formação sócio-histórica e suas particularidades no país e, nesse entorno, apreensão das demandas postas à profissão no contexto das relações sociais. Se isso é fundamental para garantir a formação do perfil profissional crítico que defendemos, será que, sem olhar para a dinâmica das relações étnico-raciais, que é estrutural e estruturante da nossa formação social, é possível mesmo compreender essa realidade em que estamos inseridos(as) e na qual intervimos como assistentes sociais? (FORNAZIER; GONÇALVES e FAVARO, 2023, p. 125)

Portanto, diante de tudo o que foi exposto até aqui, a partir destas duas perguntas norteadoras: *O quanto é necessário termos acesso à literatura de mulheres negras para pensar em formas de trabalho no Serviço Social?* e, tendo-se em vista a posição subalterna em que mulheres negras e suas produções encontram-se na sociedade brasileira e no Serviço Social brasileiro, compreender *Como a Literatura de Conceição Evaristo pode colaborar com o debate das relações étnico-raciais no Serviço Social?*

A partir das contribuições da literatura de mulheres negras, neste caso nas contribuições de Conceição Evaristo e suas escrituras, estaremos dando protagonismo

¹⁷ O que pode ser compreendido a partir da noção de interseccionalidade: “A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.” (COLLINS; BILGE, 2020, p. 16)

aqueles/as que sempre foram invisibilizados, minimizando de uma forma o racismo acadêmico e o mais importante, compreendendo a partir das próprias vivências do povo negro, a melhor forma de intervir nas expressões da questão social.

A perspectiva crítica marxista que o Serviço Social adotou, compreende-se a questão social e as suas expressões “como o *conjunto das expressões* das desigualdades da sociedade capitalista madura” (IAMAMOTO, 1998, p. 27, **grifo da autora**) que ao se modificar de tempos em tempos, modifica igualmente as expressões da questão social e por ser o seu objeto de trabalho “Os (as) assistentes sociais trabalham com as mais diversas expressões da questão social, esclarecendo à população seus direitos sociais e os meios de ter acesso aos mesmos.” (IAMAMOTO, 2009, p. 371).

Sendo a literatura negra uma forma de expressão artística de denúncia e de novas possibilidades de lidar com as expressões da questão social que vão, historicamente, afetar majoritariamente pessoas negras, faz-se necessário articular-se e ampliar o debate da questão racial à questão social no serviço social. Em uma entrevista cedida à *Revista Ser Social (2023)*, a pesquisadora Dr^a. Edna Maria de Araújo, aborda um pouco de como os efeitos da Covid-19 foram ainda mais acentuadas na população negra e em como as expressões da questão social contribuíram para este agravamento, demonstrando que para a população negra, a Covid-19 para além de ser uma questão de saúde era uma questão social e racial, igualmente.

A recomendação da Organização Mundial da Saúde, por exemplo, de distanciamento físico, não foi possível de ser atendida por grande parte das pessoas que mora nas comunidades, nas periferias, porque – como a gente sabe – muitas vezes, em uma casa minúscula de uma comunidade, moram três, quatro famílias. Então, como fazer distanciamento físico com essas condições? E a recomendação de trabalhar em casa? Como uma população excluída do mercado de trabalho, que não tinha emprego, iria sobreviver? Porque uma boa parte da população negra e, claro, pobre, já que a maioria da população negra é pobre, obtém o seu sustento na informalidade, vendendo bugigangas nos semáforos ou recolhendo material na rua para reciclar. (ARAÚJO, 2023, p. 413).

O conceito de *infans* retirado do pensamento lacaniano utilizado por Gonzalez (2020) será utilizado para por fim, embasar as críticas aqui expostas em relação a falta de referenciais teóricos de autores/as negros/as no Serviço Social brasileiro. De acordo com Gonzalez (2020) o conceito de *infans*, constituído a partir da análise da formação psíquica da criança, caracteriza aquele que não é dono do seu próprio discurso, pois é falado por meio do discurso de terceiros, entretanto pode ser aplicado para compreender a forma com que mulheres não

brancas são definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação racista e sexista que nos infantiliza.

O conceito de *infans* é constituído a partir da análise da formação psíquica da criança, que, quando falada por adultos na terceira pessoa, é, conseqüentemente, excluída, ignorada, ausente, apesar de sua presença. Esse discurso é então reproduzido e ela fala de si mesma na terceira pessoa (até o momento em que aprende a mudar pronomes pessoais). Do mesmo modo, nós, mulheres e não brancas, somos convocadas, definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que nos infantiliza. Ao nos impor um lugar inferior dentro de sua hierarquia (sustentado por nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade precisamente porque nos nega o direito de ser sujeitos não apenas de nosso próprio discurso, mas de nossa própria história. (GONZALEZ, 2020, p. 141)

E se, historicamente, mulheres negras sempre foram negadas de serem os sujeitos de seu próprio discurso e história, a partir das próprias convocações e atuação de mulheres negras nos movimentos negros e, posteriormente, no feminismo negro, estas mulheres vem lutando incessantemente pelo direito de suas vozes serem ouvidas e suas pautas legitimadas.

Para Lélia Gonzalez, o mito da democracia racial e o ideal de branqueamento constituem dois importantes processos de formação da sociedade brasileira, ao lado dos papéis sociais atribuídos às mulheres negras por meio das noções de doméstica e mulata, onde o lugar da mulher negra na sociedade brasileira situa-se em um espaço de discriminação tanto de gênero, por ser mulher, quanto de raça, por ser negra.

Dessa forma, Gonzalez (2020) afirma que os estereótipos raciais e sexistas colocam mulheres negras no nível mais alto de opressão, sendo visualizada pela sociedade a partir de dois papéis sociais lhe atribuídos: a doméstica e a mulata.

A doméstica é o lugar natural ao qual mulheres negras são socialmente visualizadas, é a herança escravocrata das mucamas. Para Lélia Gonzalez, a doméstica é a mucama¹⁸ permitida, é aquela responsável pela “[...] prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano” (GONZALEZ, 2020, p. 82). Já a mulata, foi transformada em um objeto, em uma mercadoria de exportação a ser consumida pelos turistas e pelos burgueses nacionais.

Assim, o mito da democracia racial exerce sua violência de forma especial em relação às mulheres negras e é no rito carnavalesco que é usado com toda a sua força simbólica e a

¹⁸ Mucama é um termo utilizado no período escravista para designar mulheres negras escravizadas que faziam os serviços domésticos na casa grande e/ou amamentavam os filhos dos seus senhores.

mulher negra torna-se, apenas exclusivamente neste momento, a rainha. Gonzalez (2020) afirma que o outro lado - o lado oculto e agressivo - do endeusamento carnavalesco sobre a mulher negra se expressa em seu cotidiano no momento em que se transfigura na empregada doméstica, assim a nomeação entre mulata e doméstica vai depender unicamente da situação em que é vista, pois são atribuídas a um mesmo sujeito: a mulher negra.

Ao contrário do que o movimento feminista e a esquerda brasileira podem acreditar ser a condição de classe e de gênero os principais fatores de opressão na nossa sociedade ou que a condição de classe ou gênero nos unifica em um único grupo, historicamente, e por meio das nossas próprias vivências, a população negra e em especial as mulheres negras, sabem que estas declarações são uma inverdade.

Em relação a isto, Sueli Carneiro vai apontar estas diversas discrepâncias entre a realidade de mulheres brancas e mulheres negras na sociedade brasileira. Em seu texto *“Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”* [2003?] a autora pontua que as histórias do período colonial permanece viva no imaginário social, adquirindo novos contornos e funções que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão, criticando as pautas do movimento feminista que não consegue - ou não quer - reconhecer as diferenças que as questões de gênero, raça e classe operam sobre mulheres negras.

Apesar do que o movimento feminista branco vem lutando para conquistar, como o direito ao trabalho e a desvinculação do seu gênero com fragilidade, por exemplo, Sueli Carneiro demonstra que mulheres negras sempre trabalharam arduamente na nossa sociedade e nunca foram sequer vistas e tratadas como frágeis, pois “as mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca” (CARNEIRO, [2003?], p. 1-2).

Enegrecer o movimento feminista significaria para Carneiro [2003?] a articulação entre as variáveis de raça, classe e gênero, enegrecendo as reivindicações das mulheres, para que sejam mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras e feminizando as propostas e reivindicações do movimento negro.

O contingente da categoria profissional do Serviço Social (estudantes, pesquisadores/as e assistentes sociais) que fazem parte do enegrecimento da categoria (MOREIRA, 2021) convocam toda a categoria profissional para uma inserção concreta da questão étnico-racial, comprometida verdadeiramente com uma formação antiracista, trazendo

visibilidade e protagonismo a aqueles e aquelas que estão nas mais diversas formas do nosso objeto de trabalho, as expressões da questão social.

Com isto, o próximo capítulo será dedicado para apresentar as possibilidades que o protagonismo negro e a arte periférica podem contribuir na atuação e formação profissional por meio das escrituras de Conceição Evaristo no projeto de intervenção desenvolvido em estágio obrigatório no curso de graduação em Serviço Social, que resultou na experiência do Clube de leitura “Vozes Negras” e mostrou as possibilidades que a literatura negra enquanto ferramenta de empoderamento feminino pode desenvolver dentro desta sociedade racista e sexista que tende a cada vez mais negligenciar o acesso aos direitos sociais da classe trabalhadora, das mulheres e do povo negro.

CAPÍTULO III - *Escrevivência* e protagonismo negro como um instrumento de atuação do Serviço Social

“Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade.” (EVARISTO, 2020, p. 38)

O caminho percorrido ao longo dos dois últimos capítulos, tinham por objetivo preparar o tapete para o que será abordado neste capítulo final. No primeiro capítulo, demonstrou-se de que forma o processo de formação sócio-histórica da sociedade brasileira a partir do enfoque na questão racial é condicionante para o lugar ocupado pela população negra brasileira desde o período colonial e em como este lugar está intrinsecamente vinculado ao objeto de estudo do Serviço Social brasileiro, a questão social e suas expressões.

A partir da constatação de que é necessário compreender o vínculo entre a questão social e a questão racial, o segundo capítulo demonstrou a invisibilidade histórica que o debate da questão racial vem sofrendo no Serviço Social brasileiro e de que forma isso prejudica diretamente a formação de assistentes sociais que terão que trabalhar com as expressões da questão social que afetam em sua grande maioria pessoas negras.

Neste capítulo, apresentarei brevemente as possíveis contribuições que a autora negra brasileira Conceição Evaristo e a sua *escrevivência* podem ter no Serviço Social brasileiro como uma possibilidade de mudar esta invisibilidade da questão racial no curso, dando protagonismo a produção artística daqueles que socialmente são marginalizados pela sua cor preta, em especial as mulheres negras, pois são alvos dos recortes de raça, classe e gênero.

Para compreender *Como a Literatura de Conceição Evaristo pode colaborar com o debate das relações étnico-raciais no Serviço Social* e, especificamente, *O quanto é necessário termos acesso à literatura de mulheres negras para pensar em formas de trabalho no Serviço Social* será apresentado os resultados obtidos com o projeto de intervenção em estágio obrigatório em Serviço Social 1 e 2, com a realização do Clube de Leitura “Vozes Negras”, no Serviço Social do Comércio - SESC Unidade Operacional de Taguatinga Sul com as idosas integrantes do Grupo dos Mais Vividos - GMV, a partir dos relatórios de estágio, diário de campo e relatório dos encontros do Clube de Leitura.

Em relação ao campo de estágio, na qual o projeto se realizou, o Serviço Social se insere no SESC na área da assistência social, âmbito de atuação regional, prestando atividades e projetos a famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade social. No Trabalho Social com Idosos (TSI), a assistência social atua por meio do Grupo dos Mais Vividos (GMV)

promovendo qualidade de vida e envelhecimento ativo para a população idosa acima dos 60 anos de idade, oferecendo atividades gratuitas para esta população, além de ser um importante espaço de convívio e socialização.

A crescente representatividade de mulheres tanto no GMV quanto na população idosa como um todo, fenômeno identificado por Camarano (2003) como “feminização da velhice”¹⁹, justificou uma abordagem exclusiva de mulheres no projeto em questão. Nesse sentido, o clube de leitura “Vozes Negras” foi concebido com o propósito de proporcionar um espaço para a leitura, reflexão e troca de vivência entre os participantes, através de rodas de conversa. O intuito foi fomentar o conhecimento acerca dos direitos sociais relacionados a cada tema dos encontros e, simultaneamente, conferir protagonismo às autorias e narrativas de mulheres negras.

O projeto também almejava desmistificar a ideia restritiva de que obras produzidas por pessoas negras somente devem ser lidas por indivíduos pertencentes à mesma comunidade racial. Por meio do clube de leitura, as participantes tiveram a oportunidade de articular suas próprias experiências de vida com as obras de Conceição Evaristo, estabelecendo assim, conexões entre a literatura e suas vivências pessoais.

Mas antes de apresentar os resultados obtidos com o Clube de Leitura “Vozes Negras” é preciso ceder espaço para a grandiosidade de Conceição Evaristo. Conceição Evaristo além de ser uma das maiores escritoras da literatura brasileira contemporânea é poeta, símbolo de luta, resistência e inspiração para muitas mulheres negras. É mineira, especificamente de uma comunidade periférica na Avenida Afonso Pena em Belo Horizonte - MG, graduada em Letras pela UFRJ, mestre pela PUC-Rio e doutora pela Universidade Federal Fluminense.

A história de Conceição Evaristo, assim como de muitas mulheres e homens negros/as deste país é marcada pela pobreza, pela realidade vivida nas periferias das grandes cidades, pelo racismo, mas principalmente pela resistência. Em seu depoimento para o I Colóquio de Escritoras Mineiras²⁰ em 2009, Conceição compartilha um pouco da herança escravocrata que aloca mulheres negras periféricas nos serviços domésticos das casas grandes da atualidade como vivenciado pela autora e pelas mulheres da sua vida,

Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços domésticos. Cozinhar, arrumar, passar, cuidar de crianças. Também eu, desde menina, aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu

¹⁹ “Dada a menor mortalidade feminina, as mulheres predominam entre a população idosa.” (CAMARANO, 2003, p. 35)

²⁰ Conceição Evaristo. Portal Literafro. Belo Horizonte, MG. 28 jun. 2023. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 16 jul. 2023.

primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. (EVARISTO, 2009).

A literatura de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo* (1960) com seus relatos compartilhavam da mesma vivência que Conceição Evaristo e sua família enfrentavam, inspirando sua mãe a escrever o seu próprio diário,

Minha mãe leu e se identificou tanto com o *Quarto de Despejo*, de Carolina, que igualmente escreveu um diário, anos mais tarde. Guardo comigo esses escritos e tenho como provar em alguma pesquisa futura que a favelada do Canindé criou uma tradição literária. Outra favelada de Belo Horizonte seguiu o caminho de uma escrita inaugurada por Carolina e escreveu também sob a forma de diário, a miséria do cotidiano enfrentada por ela. (EVARISTO, 2009)

Apesar de sua condição social, a autora sempre teve acesso à riqueza da sabedoria transmitida oralmente pelas palavras de seus familiares. Mesmo sem ter crescido cercada por livros, sua família sempre foi apaixonada pela leitura e escrita, o que influenciou profundamente sua própria escrita. Ela afirma que, no final das contas, o destino da literatura sempre a acompanhou, “[...] gosto de dizer que minha relação com a literatura começa nos bastidores das cozinhas alheias. Minha mãe, tias e primas trabalharam em residências de renomados escritores mineiros ou nas casas de seus familiares. Eu afirmo mesmo que o destino da literatura me persegue...” (EVARISTO, 2009).

[...]A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semi-alfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. (EVARISTO, 2009)

Conceição Evaristo venceu os obstáculos da vida e se tornou professora, profissão pela qual se aposentou e ao longo da sua trajetória de vida escreveu diversas obras literárias para o Cadernos Negros²¹ desde 1990. Entretanto, vem receber mais notoriedade apenas em 2003 com a publicação do livro *Ponciá Vicêncio*.

Sua escrita é atravessada pela *escrevivência*, termo/ação criado pela autora onde se entrelaça a narração de uma história com suas próprias vivências. Nas próprias palavras de Conceição Evaristo:

²¹ Cadernos Negros surge em 1978, através do ativismo de um grupo de jovens negros e negras que produziam literatura e se reuniram no Centro de Cultura e Arte Negra - CECAN, em São Paulo, para criar uma publicação em que fosse possível expor suas artes. Atualmente, o Cadernos Negros constitui-se no coletivo Quilombhoje.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (EVARISTO, 2020, p. 30)

A partir das escrevivências, Conceição Evaristo dá voz à vivência de muitas outras mulheres pretas e homens pretos até então silenciados pelo racismo. Silenciados pois são infantilizados como colocado por Lélia Gonzalez, “Na medida em que o racismo, enquanto discurso, se situa entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado como objeto e não como sujeito. Conseqüentemente, é infantilizado, não tem direito a voz própria, é falado por ele” (GONZALEZ, 2020, p. 43-44). Desta forma, a escrevivência constitui “uma montagem de memória, história, experiência e poética” (BAROSSO, 2017, p. 36), complemento que é revolucionária tendo-se em vista todo o preterimento que as produções artísticas de pessoas pretas são submetidas, em especial de mulheres negras.

Por isso, enfatiza-se a contribuição da literatura de mulheres negras, tendo-se em vista a situação da mulher negra na sociedade brasileira como apresentado anteriormente por meio das contribuições de Lélia Gonzalez acerca das noções de doméstica e mulata, de Sueli Carneiro ao afirmar a urgência de enegrecer o feminismo brasileiro e, em especial de Conceição Evaristo ao afirmar que a autoria de uma mulher negra traz novos sentidos à Literatura Brasileira,

Dentre as literaturas que inovam o projeto literário nacional, a autoria de mulher negra coloca textos marcantes em um sistema anteriormente erigido, notadamente, pela autoria de homens e mulheres brancas. Creio que a autoria de mulheres negras, pois não sou a única que estou escrevendo, tende a dar outros sentidos à Literatura Brasileira. (EVARISTO, 2020, p. 37)

E tratando-se do Serviço Social brasileiro, por meio da escrevivência de Conceição Evaristo, ou melhor, a partir das contribuições da literatura de mulheres negras, estaremos dando protagonismo aquelas que sempre foram invisibilizadas, minimizando de uma forma o racismo acadêmico e o mais importante, compreendendo a partir das próprias vivências do povo negro, a melhor forma de intervir nas expressões da questão social.

Diante disso, escolheu-se a preferência pela literatura de mulheres negras por se constituírem no grupo que, estando na base da pirâmide social, é o mais subjugado e

violentado desde a escravidão até os dias atuais e que apesar das adversidades cotidianas permanecem na luta pela construção de novos e melhores caminhos para os seus e para todos.

Mulheres negras são as responsáveis pela sabedoria ancestral, pela luta coletiva em prol dos direitos tanto de gênero quanto de raça, mulheres negras são revolucionárias e por isso devem ser protagonistas e reconhecidas como tal, por isso acredita-se que é de extrema importância o acesso a suas artes, neste caso a literatura, como um instrumento de atuação no Serviço Social.

Partindo destes princípios, o Clube de Leitura “Vozes Negras” buscou a partir das escrevivências de Conceição Evaristo no seu livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, contribuir para a valorização das vozes e histórias de mulheres negras, conferindo-lhes o devido espaço e reconhecimento dentro da sociedade e trazer este protagonismo negro como uma prática de atuação do Serviço Social por meio da literatura de uma mulher negra brasileira viva.

O Clube de Leitura “Vozes Negras” ocorreu durante o período do estágio obrigatório 1 e 2 em Serviço Social, no Serviço Social do Comércio (SESC) do Distrito Federal, na unidade operacional de Taguatinga Sul e os resultados obtidos serão apresentados a seguir a partir dos relatórios de estágio, diário de campo e relatório dos encontros do Clube de Leitura “Vozes Negras”, respeitando todos os cuidados éticos e sigilosos para preservar a identidade das mulheres participantes, onde as participantes foram informadas e sempre estiveram cientes que seus registros seriam utilizados para compor este trabalho de monografia.

1.1 Arte periférica: a literatura de mulheres negras como uma nova possibilidade de intervenção profissional

“A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” (EVARISTO, 2020, p. 54)

Neste subtópico apresentarei as importantes contribuições que a arte, em especial a arte periférica, pode trazer para a atuação profissional de assistentes sociais, partindo da experiência vivida no Clube de Leitura “Vozes Negras” e de referenciais teóricos elaborados relacionados a temática como as produções do autor Daniel Péricles Arruda sobre as contribuições da arte no Serviço Social.

Insubmissas Lágrimas de Mulheres (2011) é um livro de Conceição Evaristo composto por 13 contos inspirados em histórias reais de mulheres negras reais, retratando diversos

temas como: misoginia, abusos e violências sexuais, envelhecimento, maternidade, racismo, amor, etc., e por este motivo foi o livro da autora escolhido para ser trabalhado no projeto.

Os procedimentos operacionais utilizados para a realização do projeto consistiram em duas fases. Na Fase 1: Inicialmente, aplicou-se um formulário de interesse elaborado na plataforma Google Forms no grupo de WhatsApp do Grupo dos Mais Vividos (GMV). Esse formulário coletou informações sobre a quantidade de participantes, idade, se faz parte do GMV, experiência prévia em grupos de leitura e opiniões sobre a proposta do Clube de Leitura. E, na Fase 2: Após a coleta dos dados, realizou-se um encontro inicial de acolhimento para explicar a proposta e o funcionamento do Clube de Leitura. Nesse encontro, foram destacadas as normas essenciais, como o respeito entre as participantes e a importância do sigilo, enfatizando que as discussões nos encontros deveriam permanecer confidenciais.

O Clube de Leitura “Vozes Negras” teve início em maio de 2022 e foi encerrado em dezembro do mesmo ano. Os encontros ocorriam quinzenalmente e contavam com a participação média de 5 a 10 idosas do GMV, além de profissionais, como a Assistente Social da Unidade, a psicóloga da Coordenação de Assistência Social, uma auxiliar técnica e a estagiária em Serviço Social, eu. Para a obtenção dos resultados, além dos escritos presentes no diário de campo, relatório de estágio e relatório dos encontros do Clube de Leitura, foi solicitado para que ao final do projeto as participantes elaborassem um pequeno texto digital ou enviassem um áudio compartilhando suas experiências e reflexões sobre o projeto, bem como o impacto das histórias discutidas no Clube de Leitura.

As seguintes perguntas norteadoras foram utilizadas para auxiliar na elaboração dos relatos das participantes: *Como foi vivenciar estes encontros? As histórias do livro lhe permitiram refletir sobre suas próprias experiências de vida ou de mulheres da sua vida? e De que maneira essas leituras fizeram com que você refletisse sua situação enquanto mulher? Em especial enquanto mulher idosa?*

Em cada encontro, realizamos a leitura em conjunto da história e após a leitura era realizado uma roda de conversa onde as participantes podiam compartilhar suas impressões sobre as histórias, críticas, sentimentos e vivências. Algumas histórias e encontros foram ricos em debates e em sua grande maioria dos encontros houve a articulação entre as próprias vivências das participantes ou de mulheres do seu convívio com as escrevivências de Conceição Evaristo, mesmo que em muitas vezes elas não tenham vivenciado o que a história retrata, como escrito nos trechos retirados do relatório do Clube de Leitura, a seguir

Elas compartilharam histórias de pessoas próximas e até mesmo do seu contexto íntimo e familiar de pessoas lgbt's e como suas respectivas famílias encaravam isso. O que demonstra que um dos principais objetivos do projeto que é despertar essa articulação de suas próprias vivências com as escrituras de Conceição Evaristo (trecho retirado do relatório do Clube de Leitura, 09 ago. 2022).

Em um outro encontro, as participantes compartilharam o sentimento sentido ao ler muitas das histórias de ser algo difícil de ler, mas que reconheciam a importância de conhecer estas histórias através da leitura para combater e prevenir estas situações de abusos e violências contra as mulheres.

Na roda de conversa, tivemos uma prazerosa e frutífera conversa sobre como “*a história descreve bem a realidade*”, que é “*muito forte*” e em como “*é difícil de escrever e ler*”. Ao mesmo tempo em que as participantes demonstraram reconhecer ser importante ler e debater histórias assim para que possamos mudar a realidade de tantas mulheres que passam pelo mesmo através da informação e da garantia de meios que possam ajudá-las e, em especial, das jovens mulheres e jovens homens, para que desde a sua juventude tenham conhecimento sobre o assunto e os combatem ao longo de sua trajetória de vida (trecho retirado do relatório do Clube de Leitura, 01 nov. 2022).

Em diversos encontros, debatemos sobre a dualidade de comportamentos entre homens e mulheres, nas situações lidas descritas no livro. No encontro em que lemos a história de Adelha Santana Limoeiro, uma história rica em detalhes, como o livro todo em si, mas que aborda questões como racismo religioso, sexualidade na velhice e como o envelhecimento pode ser encarado de diferentes formas. Uma questão debatida na roda de conversa deste encontro foi a questão da anulação da individualidade da mulher em nome do seu cônjuge, filhos e família.

Um outro ponto levantado é em como, por diversas vezes, as mulheres abrem mão de si, das suas vontades e de suas vidas pelos seus companheiros, família e filhos. “*Quantas vezes nós mulheres abrimos mão de nós, pelos nossos companheiros, família e filhos?*” indaga uma das participantes, e como muitas mulheres “aceitam” a situação em que estão inseridas por falta de condições de se manterem e de manter sua família com a separação do companheiro (trecho retirado do diário de campo e do relatório do Clube de Leitura, 12 jul. 2022)

Ler as escrituras de Conceição Evaristo no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, possibilitou que com os encontros as participantes pudessem conhecer e debater temas vividos e não vividos até então não debatidos por elas. Por serem mulheres, filhas, mães e avós que possuem e/ou construíram uma rede familiar, debater assuntos direcionados às mulheres, possibilitou que trocássemos experiências e conhecimentos, como demonstrado nos seguintes trechos:

Um outro ponto abordado e que debatemos foi a troca de papéis, de que uma mulher jamais faria o que o esposo de Mirtes Aparecida da Luz fez. Em como a mulher, e em especial, a mãe, tem nas famílias sendo o núcleo da rede e dos laços familiares. Enfatizando a importância de nós mulheres, buscamos sempre ter a nossa independência financeira e o nosso conhecimento e deixar o casamento e os namoros para depois. *“Aconselho, vocês mais novas, a buscarem ter a independência de vocês, estudar; ter conhecimento, pois o nosso conhecimento ninguém pode tirar da gente. Para não precisar ter que se submeter a humilhação, violência, submissão e abusos como a gente leu em algumas histórias anteriores.”*

[...]Participar do clube possibilitou compreender melhor situações vividas que já havia conhecimento, mas que por não ser próximo a ela não tinha dimensão das problemáticas e que ao ouvir os relatos pessoais vivenciados por outras integrantes, se sentiu mais impactada e pode entender melhor os acontecimentos, como o do encontro em que debatemos automutilação e a saúde mental dos jovens (trecho retirado do diário de campo e do relatório do Clube de Leitura, 13 set. 2022).

Em diversos encontros foi-se articulando os temas debatidos com políticas públicas e direitos sociais que podiam ser acessados e compartilhados caso alguma participante conhecesse alguém ou estivesse passando por uma situação parecida ao das histórias lidas, como no encontro em que lemos a história de Maria do Rosário Imaculada dos Santos, uma mulher negra vítima do tráfico de pessoas e que contou com a participação da estudante de Serviço Social pela Universidade de Brasília - UnB, Yasmim Ferreira de Sousa e integrante do Projeto Vez e Voz²² para falar sobre o que é o tráfico de pessoas, quais são as suas formas/finalidades (exploração sexual, trabalho análogo a escravidão, venda de órgãos no mercado negro, etc.), como se dá, quem são as vítimas (pessoas em situação de vulnerabilidade social e econômica) e meios de denúncia (disque 100 ou 180).

E no último encontro do Clube de Leitura “Vozes Negras” com a última história do livro em que debatemos questões relacionadas a raça, como a prática de homens brancos iniciarem suas relações sexuais com mulheres negras desde a escravidão e em como isso perdura até os dias atuais.

As histórias do uso do corpo das mulheres negras pelos filhos dos patrões, como ato iniciático de sexo para os jovens brancos, não são ignoradas. Costume que perdurou longos anos: antes, corpos das mulheres escravizadas, depois, corpos das empregadas domésticas expostos a novos modos de escravização. (EVARISTO, 2020, p. 29).

Ao final do Clube de Leitura “Vozes Negras”, os resultados obtidos com o projeto a partir dos próprios escritos das participantes foi de que:

²² O Projeto Vez e Voz é um projeto de extensão comunicativa da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília - UnB, idealizado em 2013 e ainda vigente, onde por meio da Educação Popular nas escolas do Distrito Federal (DF) e entorno, promove o combate e prevenção ao Tráfico de Pessoas. Para mais informações acesso o perfil do instagram do projeto: @vez.e.voz

“Encontros foram positivos, trazendo reflexões e questionamentos sobre o nosso viver. Viver este em nossas memórias construídas ao longo do tempo já vivido ou nas construções que ainda temos a felicidade de estar realizando.”(relato escrito de uma mulher participante do Clube de Leitura, idade 70 anos, ano 2022),

“Hoje como mulher idosa, consciente do meu papel, comprometida na busca pelo máximo em qualidade de vida, *esta literatura trouxe novo olhar para a importância do engajamento e acompanhamento de atividades esclarecedoras de direitos, políticas públicas de assessoria e acompanhamento de mulheres que, às vezes, não tem as mesmas oportunidades que, nós mais privilegiadas temos acesso.* Ou seja, minha importância como responsável pelo compartilhamento daquilo em que posso ajudar.”(relato escrito de uma mulher participante do Clube de Leitura, idade 70 anos, ano 2022, grifos meus),

“*Essa autora veio nos mostrar uma realidade muitas vezes deixada de lado por medo, por vergonha até mesmo por desconhecimento. Eu “me senti” na história.*” (relato escrito de uma mulher participante do Clube de Leitura, idade 56 anos, ano 2022, grifos meus).

“Sentimento de orgulho e gratidão, *foram muitas experiências e troca de ideias e aconselhamentos. Senti incentivada para a leitura. Muito aprendizado.*” (relato escrito de uma mulher participante do Clube de Leitura, idade 66 anos, ano 2022, grifos meus)

“Não sou idosa ainda, *mas o sentimento acredito que seja o mesmo, independente de idade, ser idosa só é mais um fardo pesado que temos que carregar, por ter a pele enrugada, por ter os cabelos brancos, por colocarem limites nas nossas vontades e desejos, por ser taxada como improdutiva para o trabalho e outros tantos preconceitos que existem acerca do envelhecimento feminino.* Porém é um desafio ser mulher em qualquer idade, temos que matar um “Leão” por dia para sobreviver a essa sociedade misógina em que vivemos.” (relato escrito de uma mulher participante do Clube de Leitura, idade 43 anos, ano 2022, grifos meus)

Conforme descrito pelas próprias participantes do Clube de Leitura “Vozes Negras” demonstrado até aqui, a partir das escrituras de Conceição Evaristo pode-se colaborar com o debate das relações étnico-raciais no Serviço Social brasileiro trazendo protagonismo a pessoas negras, articulando aos direitos sociais e as políticas públicas e sobre a importância de termos acesso a eles, mas além disso. As escrituras de Conceição Evaristo possibilitaram novos conhecimentos relacionados à saúde mental, ao gênero e a orientação sexual, ao processo de envelhecimento, ao racismo, à misoginia, ao tráfico de pessoas, às políticas sociais e até mesmo ao engajamento da leitura.

É necessário termos acesso à literatura de mulheres negras para pensar em formas de trabalho no Serviço Social que ultrapasse o racismo acadêmico, que se configura em continuar privilegiando as produções de pessoas brancas para que falem sobre os negros/as, indígenas ou quilombolas, por exemplo, quando se existe um grande acervo de produções da autoria de autores/as negros e negras, indígenas e quilombolas que estão mais que qualificados para tomar a frente destes assuntos. Ressaltando-se também, que isso não quer dizer que pessoas brancas não possam falar sobre estes assuntos, inclusive é de extrema

importância que falem, mas se existe a possibilidade da presença de uma pessoa negra, indígena ou quilombola falar sobre a temática, que ela fale, que seja ouvida e que seja lida.

É necessário termos acesso à literatura de mulheres negras para que possamos pensar novos meios de combater as expressões da questão social e racial nos/as usuário/as e nos/as profissionais do Serviço Social no cotidiano profissional e acadêmico e, principalmente, que enxergue a pessoa negra brasileira como protagonista e não uma nota de rodapé da nossa construção histórica.

[...] Destacamos, portanto, a relevância de lermos autoras negras: suas histórias não devem ser apenas apêndices ou complementos ao currículo tradicional, uma vez que essas vozes precisam também fazer parte do processo estruturante de construção do pensamento e reflexão crítica, funcionando assim como força motriz de questionamento do status quo. (SILVA; FARIAS, 2021, p. 130)

A literatura de mulheres negras é apenas um dos caminhos da arte que alinhada ao Serviço Social desenvolve novas possibilidades de atuação. O rap, a batalha de rima, o grafite, a literatura de mulheres negras, algumas das mais variadas formas de expressões artísticas do povo preto como a possibilidade de uma intervenção profissional verdadeiramente emancipadora e antirracista.

Arruda (2022) vêm contribuindo com este debate, utilizando o rap e a cultura hip hop alinhada ao Serviço Social. Em seu artigo *Arte e Serviço Social: aspectos necessários sobre o ser-artístico*, o autor afirma que

Ficou evidenciado que a arte, nesse caso, a arte periférica, o rap, é uma das modalidades artísticas que mais contribui para a profissão, pois apresenta o cotidiano repensado, ou seja, visto de modo crítico, além de apresentar subjetividades, peculiaridades e coletividades dos modos de vida, bem como elementos político-afetivos com base nas experiências socioterritoriais. (ARRUDA, 2022, p. 404)

A partir da indagação “*Quais são as relações possíveis entre a arte e o Serviço Social?*” (ARRUDA, 2022, p. 405) o autor vai demonstrar as potencialidades que o rap, enquanto arte periférica e que se constitui com bases diaspóricas e ancestrais, apresenta elementos essenciais para se pensar o Serviço Social na atualidade, onde “O rap, portanto, é uma das vozes dos/as sujeitos/as que são atendidos/as em muitos serviços das políticas públicas. É, também, um meio de se impor às diversas formas de extermínio de corpos negros (ARRUDA, 2018 e 2021).” (ARRUDA, 2022, p. 412)

O rap, enquanto expressão artística, ser uma das vozes dos sujeitos/as atendidos/as pelas políticas públicas em que assistentes sociais estão inseridos significa ser uma das

primeiras formas de expressão artística que os/as crianças, jovens e adultos das periferias têm acesso. As batalhas de rimas nas escolas ou nas pracinhas das ruas, os grafites nos muros e os eventos de rap organizados pelas próprias comunidades são formas de vivência desta realidade social que ultrapassam museus e o acesso às artes eruditas.

Por fim, notoriamente, a arte é capaz de muitas coisas! E como mencionado antes, quando se fala de arte, é relevante indagar de qual arte estamos falando e com quais finalidades. A arte, aqui analisada, trata-se de relatos de vida constituídos em territórios periféricos, em que a violência, a criminalidade são questões vivas, mas é preciso considerar também a reivindicação da vida por meio das letras de rap, a denúncia da violação de direitos e a resistência no sentido de romper a invisibilidade que tenta naturalizar as desigualdades e os sofrimentos. (ARRUDA, 2022, p. 412)

Ampliar o debate da questão racial e da arte e cultura no Serviço Social é um desafio que precisa ser ultrapassado para que se possa utilizá-los como ferramentas fundamentais nos processos de trabalho de assistentes sociais, como demonstrado nesta monografia por meio da utilização da literatura de mulheres negras, especificamente da escritora Conceição Evaristo, e como enfatizado por Arruda (2022) através do rap.

Na atuação profissional, a arte é um recurso para estabelecer vínculos para observar como as pessoas atendidas apresentam suas questões, como se apresentam e quais são as suas demandas e seus desejos, considerando aspectos sobre diversidade, relações étnico-raciais, gênero, sexualidade, classe social, territorialidade, religiosidade. Quer dizer, os marcadores sociais da (in)diferença. (ARRUDA, 2022, p. 412)

Portanto, como demonstrado ao longo deste trabalho é imprescindível a articulação entre a questão social e questão racial no Serviço Social, além da ampliação da arte e cultura enquanto instrumento de atuação da categoria profissional.

“No nosso entendimento, a abordagem da questão racial para entender a constituição histórica da sociedade brasileira e o Serviço Social no movimento dessa história pode ser um caminho interessante para ultrapassar a visão unilateral das produções intelectuais, mas também pode ser um campo que atravessa as barreiras impostas pelo racismo acadêmico. Acreditamos, assim como outros(as) pesquisadores(as) já vêm sinalizando, ser fundamental estarmos alertas para as trajetórias e as produções de intelectuais negros(as) como aportes teórico-metodológicos que colocam em xeque as diversas determinações da raça e do racismo na formação sócio-histórica brasileira.” (CORREIA; ALCANTARA, 2023, p. 69)

Ter acesso à literatura de mulheres negras e à arte periférica como um todo para pensar em novas formas de trabalho no Serviço Social é transformar as bases do racismo estrutural em que estamos inserido, principalmente o racismo acadêmico. A partir da literatura de Conceição Evaristo, é possível não apenas contribuir com o debate das relações étnico-raciais

no Serviço Social, mas com o debate das questões de gênero, classe, orientação sexual, religiosidade, tradições, ancestralidade. É expandir o conhecimento que se encontra restrito aos muros acadêmicos e dar voz e protagonismo a partir da própria escrita, aquelas que estando na base da pirâmide social podem modificar todas as estruturas da nossa sociedade.

Nós, mulheres negras que contribuímos com as revoluções negras durante o período escravocrata. Que revolucionamos a escrita e a literatura como Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina. Que guerreamos como Dandara. Que aprendemos novas formas de amar como bell hooks. Somos plurais, diversas e assim como sempre tem sido, podemos continuar contribuindo grandemente onde estivermos e com o Serviço Social não seria diferente.

As reflexões sobre a indissociabilidade entre a questão social e a questão racial, apesar de todo o seu avanço, ainda não se materializou concretamente na prática e as indagações e estudos sobre a temática não irão se encerrar até que possamos verdadeiramente colocá-las em prática, assim como a literatura e a arte são novas possibilidades que devem ser cada vez mais inseridas no debate e colocadas em prática pela categoria profissional, tanto na formação quanto nos campos de atuação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se antes, a fala e nem a escrita nos eram permitidas. Hoje, reivindicamos este direito ocupando estes espaços e caminhando em conjunto, pois não sabemos andar sozinhas. As reflexões apresentadas até aqui constituem um propósito de acreditar na ação profissional de assistentes sociais na sociedade brasileira e que acreditando nesta categoria profissional, devemos caminhar em conjunto em busca de uma ação profissional cada vez mais qualificada e atrelada aos anseios dos/as trabalhadores/as.

É um chamado a uma mudança que desde o VI CBAS (1989) foi introduzido por meio da atuação de mulheres negras, mas que vem sendo aplicado parcialmente pela categoria profissional. Debater a centralidade da questão racial no processo de formação da sociedade brasileira e de que forma ela está entrelaçada à questão social é compreender que os mais de 300 anos de escravidão no país está correlacionado a concepção do trabalhador brasileiro, das classes sociais, do acesso ou não acesso aos direitos sociais e ao trabalho também.

É visualizar novas formas de atuação por meio da arte, seja a literatura de mulheres negras e homens negros, indígenas e/ou quilombolas, seja por meio do rap, do grafite, da colagem. Somos seres plurais que temos anseios e nos expressamos de diversas formas. E que por isso, não tem como colocar todos apenas na caixinha da condição de “classe”. Como apresentado no primeiro capítulo, apesar de compartilharem da mesma condição de classe social, a pessoa negra pobre vai sofrer as expressões da questão social de uma forma muito mais acentuada que uma pessoa branca pobre, tendo-se em vista a sua raça e gênero se formos falar da situação das mulheres negras, por exemplo.

Então, não dá para cair na falácia do mito da democracia racial na atuação profissional enquanto assistente social, pois não vivemos em uma harmonia racial em que todos possuem os mesmos direitos e acessos a esses direitos, ou que todos vivenciam as expressões da questão social da mesma forma. Vivemos em um país fundado pelo racismo estrutural e pela apropriação indevida do trabalho, da cultura e da vida de africanos/as escravizados/as.

A discussão sobre questão racial, artes e literaturas negras enquanto um instrumento de atuação do Serviço Social é um desafio a todos/as pesquisadores/as e profissionais do Serviço Social para que os estudos sobre essas temáticas se fortaleçam no processo de formação de assistentes sociais e de atuação nos mais diversos campos de atuação em que estamos inseridos.

A partir da escrevivência de Conceição Evaristo, pode-se trabalhar com os mais diversos grupos de usuários sobre uma ampla diversidade de temas, como apresentado nos

resultados obtidos com o Clube de Leitura “Vozes Negras”. Não seria uma possibilidade trabalhar a leitura do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) com homens infratores de feminicídio ou violência doméstica, por exemplo? Ou utilizar o livro *Becos da Memória* (2006) em salas de aula da graduação em Serviço Social como referencial teórico para debater a forma como o período pós abolição está vinculado ao processo de formação das favelas, das desigualdades sociais e raciais, do acesso à educação, ao saneamento básico, à saúde e a segurança alimentar?

Será que por meio do rap, não podemos compreender melhor a realidade social vivenciada pelos/as usuários/as com que trabalhamos e socializar a importância das políticas públicas e dos direitos sociais que devem ser cumpridos e acessados por todos/as? Por isso, anseia-se que as reflexões e indagações apresentadas aqui possam contribuir positivamente para o debate da questão racial e da arte no Serviço Social.

Sem se perder de vista que as produções artísticas e de conhecimento que fogem às regras impostas pelo modelo branco eurocêntrico, possuem credibilidade tanto quanto as consideradas cânones no âmbito acadêmico. Antes mesmo de ler Karl Marx ou de conhecer a questão social, na minha rede familiar a gente cresce sabendo que pra ser alguém na vida é preciso ser duas vezes melhor por sermos negros e trabalhadores, não foi preciso um intelectual branco nos ensinar, a vivência nos ensina.

Portanto, espero que este trabalho contribua com o incentivo a articulação entre questão social e a questão racial, ao uso da arte e da literatura negra e, em especial, com as contribuições que as escrituras de Conceição Evaristo podem nos oferecer. Que as nossas escrituras enquanto mulheres ou homens negros e negros, indígenas ou quilombolas possam inspirar a nossa categoria profissional a como Sueli Carneiro bem ressaltou alcançar a igualdade de direitos em que possamos ser um ser humano pleno e cheio de possibilidades para além da condição de raça, classe e gênero, essa é a luta final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social - ABEPSS. **Diretrizes Curriculares.** 1999. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/visualizar/menu/local/diretrizes-curriculares>. Acesso em: 31 mar. 2023.

ACAYABA, Cíntia; ARCOVERDE, Léo. **Negros têm mais do que o dobro de chance de serem assassinados no Brasil, diz Atlas; grupo representa 77% das vítimas de homicídio.** São Paulo, 31 ago 2021. Portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/31/negros-tem-mais-do-que-o-dobro-de-chance-de-serem-assassinados-no-brasil-diz-atlas-grupo-representa-77percent-das-vitimas-de-homicidio.ghtml>. Acesso em: 24 jan. 2023.

Almeida, Silvio Luiz de. Raça e Racismo. *In: O que é racismo estrutural?* / Silvio Luiz de Almeida. - Belo Horizonte(MG) : Letramento, 2018. p. 17-44.

ALVES, Leonardo Dias. **SERVIÇO SOCIAL E QUESTÃO RACIAL: tensionamentos e disputas no processo de formação acadêmico-profissional** / Leonardo Dias Alves; Dissertação de Mestrado em Política Social. Universidade de Brasília. Orientador: Reginaldo Ghiraldelli. -- Brasília, 2020. p. 151-177.

ARRUDA, Péricles Daniel. Arte e Serviço Social: aspectos necessários sobre o ser-artístico. **R. Katál.**, Florianópolis, v.25, n. 2, p. 404-414, maio-ago. 2022 ISSN 1982-0259.

BAROSSO, Luana. (Po)éticas da escrevivência. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 51, p. 22-40, maio/ago. 2017.

Brasil. **Código de ética do/a assistente social.** Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. - 9. ed. rev. e atual. - [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, [2011].

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In: Psicologia social do racismo : estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (organizadoras). - Petrópolis, RJ : Vozes, 2002. p. 25-58.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** [2003?], p. 1-5. Disponível em: https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/?gclid=CjwKCAjwyeujBhA5EiwA5WD7_VchLoXOykkMC0oOlGLaPGoFcqxn0ifxHO8o78yhlCmRduamzjk8QxoCiKUQAvD_BwE. Acesso em: 03 jun. 2023.

CAMARANO, Amélia Ana. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? **ESTUDOS AVANÇADOS** 17 (49), 2003, págs. 35-63.

Cerqueira, Daniel. **Atlas da Violência 2021** / Daniel Cerqueira et al., — São Paulo: FBSP, 2021. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2021.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge ; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020. Disponível em: http://www.ser.puc-rio.br/2_COLLINS.pdf. Acesso em: 11 set. 2023.

CORREIA, Aline Nascimento Santos; ALCANTARA, Itamires Lima Santos. Serviço Social e questão racial no Brasil: aportes para o debate. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, v. 146(1), p. 56-74, 2023.

CORREIA, Aline Nascimento Santos. O silenciamento da questão étnico-racial no Serviço Social Brasileiro. *In*: MARTINS, T. C. S.; SILVA, N. F. (org.). **Racismo estrutural, institucional e Serviço Social**. São Cristóvão: Editora UFS, 2020.

COSTA, Gracyelle. Assistência Social, no enlace entre a cor e gênero dos (as) que dela necessitam. **O Social em Questão** - Ano XX - nº 38 - Maio a Ago/2017. Págs. 227-246.

CONCEIÇÃO Evaristo. *In*: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6851/conceicao-evaristo>. Acesso em: 27 jun. 2023. Verbetes da Enciclopédia.

Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Folheto. IBGE. 2022. Estudos e Pesquisas • Informação Demográfica e Socioeconômica, n.48. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101972>. Acesso em: 31 mai. 2023

EDITORIAL, C. Entrevista. **SER Social**, [S. l.], v. 24, n. 51, p. 408–427, 2022. DOI: 10.26512/sersocial.v24i51.44391. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/44391. Acesso em: 16 jul. 2023.

EVANGELISTA, Ana Paula. **Negros são os que mais morrem por covid-19 e os que menos recebem vacinas no Brasil**. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Fiocruz. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil>. Acesso em: 24 jan. 2023.

EURICO, Campos Márcia. A percepção do assistente social acerca do racismo institucional. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 114, p. 290-310 abr./jun. 2013.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. *In: Escrivivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 27-46.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In: Escrivivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 49-54.

FORNAZIER, Tales; GONÇALVES, Gleyka; FAVARO, Teresa. “Em passos firmes, linha reta”: lutas antirracistas e o trabalho profissional de assistentes sociais. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, v. 146(1), p. 118-138, 2023.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In: Por um feminismo Afro-latino-americano : ensaios, intervenções e diálogos* / organização Flavia Rios , Márcia Lima. - 1º ed. - Rio de Janeiro : Zahar, 2020. p. 127-138.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. *In: Por um feminismo Afro-latino-americano : ensaios, intervenções e diálogos* / organização Flavia Rios , Márcia Lima. - 1º ed. - Rio de Janeiro : Zahar, 2020. p. 139-150.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra no Brasil. *In: Por um feminismo Afro-latino-americano : ensaios, intervenções e diálogos* / organização Flavia Rios , Márcia Lima. - 1º ed. - Rio de Janeiro : Zahar, 2020. p. 158-170.

GONÇALVES, Renata. Quando a questão racial é o nó da questão social. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 514-522, set./dez. 2018.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O serviço social na contemporaneidade : trabalho e formação profissional** / Marilda Vilela Iamamoto. - São Paulo, Cortez, 1998. p. 27- 42.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. Os espaços sócio-ocupacionais do assistente social. *In: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais*. Brasília-DF. ABEPSS/CFESS. 2009. p. 341-380.

JUNIOR, Marques Santana Joilson. QUESTÃO RACIAL E SERVIÇO SOCIAL: UM OLHAR SOBRE SUA PRODUÇÃO TEÓRICA ANTES E DEPOIS DE DURBAN. *Revista Libertas*, UFJF, v. 13 n. 1 (2013): (jan. jul. 2013): Revista Libertas. pág. 1-23.

MADEIRO, Carlos. **Negros são 75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos.** Maceió, 13 nov. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/13/percentual-de-negros-entre-10-mais-pobre-e-triplo-do-que-entre-mais-ricos.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 24 jan. 2023.

MOREIRA, T. W. F. Serviço Social e questão étnico-racial: apontamentos históricos do debate na trajetória da profissão. *Sociedade em Debate*, Pelotas, n. 27, p. 83-100, 2021.

NJERI, Aza; AZIZA, Dandara. Entre a fumaça e as cinzas: Estado de Maafa pela perspectiva mulherismo africana e a psicologia africana. *Problemata: R. Intern. Fil.* v. 11. n. 2 (2020), p. 57-80.

NJERI, Aza. Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na maafa. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 31: maio.-out./2019, p. 4-17.

PUENTE, Beatriz. **60% dos trabalhadores informais no Brasil fazem “bicos” para sobreviver, diz estudo**. Rio de Janeiro, 23 jun. 2022. CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/60-dos-trabalhadores-informais-no-brasil-fazem-bicos-para-sobreviver/>. Acesso em: 24 jan. 2023.

RAMOS, Oliveira Débora. **A BRANQUITUDE COMO UMA ESTRUTURA E A QUESTÃO SOCIAL NEGRA NO BRASIL: uma premissa analítica da produção científica do Serviço Social no ENPESS e CBAS**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Serviço Social) - Universidade de Brasília. Orientadora: Lucélia Luiz Pereira. p. 55-70.

SILVA, Leonardo da; FARIAS, Priscila Fabiane. A literatura de mulheres negras como direito humano: reflexões sobre o desenvolvimento da consciência crítica no contexto de um projeto de extensão para mulheres em privação de liberdade. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n(60.1): 126-140, jan./abr. 2021.

THEODORO, M. A formação do mercado de trabalho e a questão racial no Brasil. *In: _____*. (Org.). **As políticas públicas e as desigualdades raciais no Brasil 120 anos após a abolição**. Brasília: Ipea, 2008. p.15-43.